

Evolução e Espiritualidade

Dalmo Duque dos Santos

1. O Governo do Universo

A Consciência é o governo do Universo. É ela quem reina e comanda a Vida, em todos os planos e dimensões que formam o Infinito. Nada escapa à sua Onisciência e Onipresença, através das leis que regulam a Natureza, em todos os lugares e mundos.

Quando passamos a perceber essa verdade em nós, iniciamos imediatamente o processo de gestão de nossas existências. Passamos a administrar os rumos que tomam as nossas vidas.

Somos pequenas consciências, criadas à imagem e semelhança de uma Consciência Maior, que rege as coisas e alimenta todas as necessidades. Somos microcosmos de uma realidade macro-cósmica.

Em nós existe, em pleno funcionamento, todas as dinâmicas e rítmicas que acontecem nos múltiplos esteios da Criação. Carregamos em nós todos os seus elementos vitais: a energia, o tempo, os ciclos, as pulsações, os compassos, circunstâncias, pensamentos, emoções, vontades, escolhas, decisões e finalmente as tramas do destino. Tudo isso é o Reino da Vida, que existe dentro e fora de nós, simultaneamente.

Não é por outro motivo que todos somos, a todo instante, impulsionados pela necessidade de dominar e controlar as inúmeras forças que se movimentam ao nosso redor. Vivemos incomodados numa perturbação física e psíquica, tentando acalmar o turbilhão de inquietações íntimas e também exteriores.

Como Hércules, o filho de Zeus e Alemena, trazemos gravados em nossa memória espiritual os sinais das nossas origens divinas. Temos como metas compromissos inadiáveis, semelhantes aos Doze Trabalhos do célebre herói da mitologia grega, cuja realização representa as equações das coisas que precisamos entender, compreender e depois colocar em prática. Muitos enigmas ainda terão que ser decifrados.

Não é por outra causa também que estamos constantemente insatisfeitos, sempre em busca das coisas que consideramos inexplicáveis e incompreensíveis. Por isso sempre queremos mudar as que estão prontas e acabadas e resolver os problemas que estão, desde sempre, solucionados. Queremos ser deuses, dominar consciências, direcionar destinos alheios e contrariar a ordem natural. Enfim, queremos engolir toda a água dos oceanos e respirar toda a poeira cósmica que se espalhada pelo espaço. E ainda assim continuamos entediados, insaciáveis, querendo governar o mundo, porém fugindo sempre da necessidade de governar a

nós mesmos.

Esse tem sido o nosso dilema central, esquecendo-nos de que perigoso não é morrer e sim existir. Esse tem sido o nosso “ser ou não ser”, o drama de todas as consciências, a história de todas as criaturas e dos eternos mistérios da Criação.

Mas a consciência que herdamos do Criador tem sido a ferramenta principal das nossas tarefas, a bússola que vem nos guiando desde as mais rudes experiências dos reinos físicos até o nosso recente ingresso no reino psíquico. Ela é o meio que certamente nos conduzirá ao fim, que é o nosso encontro ou mergulho definitivo na Consciência Divina.

Ela não é mero efeito do acaso existencial, mas o produto de uma longa jornada evolutiva pela qual passam os seres vivos, em incontáveis experiências nos pacientes laboratórios da Natureza. E a parcela de consciência humana, na escala infinita da Consciência Divina, talvez seja apenas um dos inúmeros estágios desse grande percurso. Ainda assim, ela não dá saltos, e sim queima as etapas de um complexo processo de percepção da realidade:

- 1º momento – a consciência **Aprende** a realidade
- 2º momento – a consciência **Compreende** a realidade
- 3º momento – a consciência **Significa** a realidade
- 4º momento – a consciência **Projeta** a realidade
- 5º momento – a consciência **Critica** a realidade
- 6º momento – a consciência **Age** sobre a realidade
- 7º momento – a consciência **Transforma** a realidade

2. A Emergência da Pessoa

O século XIX foi marcado pela explosão de movimentos de busca de felicidade, como reflexo dos desequilíbrios causados pela revolução industrial. No século XX essas ideologias e utopias tomaram formas esdrúxulas, em forma de sistemas políticos totalitários, guerras monstruosas, aniquilamento humano e ambiental. O próprio planeta foi colocado em risco diante da ameaça de uma hecatombe nuclear. Morte, servidão industrial, massificação, miséria, individualismo, narcisismo foram as principais marcas desse século tão promissor e ao mesmo tempo tão sombrio. Durante esses cem anos estivemos mergulhados na ambição e no medo, na extravagância e na fome, nas multidões e na solidão, nas fantasias e na depressão; ora iludidos pela fama de quinze minutos, ora derrotados pela desilusão das coisas efêmeras. Nunca se registrou tamanha situação de caos na experiência humana, uma crise sem precedentes; nunca se consumiu tantas drogas e alucinógenos para facilitar a fuga da realidade. A expansão da criminalidade e o aumento da população carcerária atingiram níveis assustadores.

Mas foi também no mesmo século XX, em plena crise, que surgiram os germes de uma nova forma de vida. Da própria ciência decadente aparecem novos paradigmas de observação da realidade; das próprias instituições, impotentes e desmoralizadas, brotam novas perspectivas para civilização. Uma nova geração começa a nascer no planeta, demonstrando um comportamento diferente dos seus antepassados. É a emergência da pessoa, antes sufocada pelo coletivismo da cultura de massas. Marilyn Ferguson[1] definiu esse curioso fenômeno como uma “conspiração”. Esse novo ser humano se recusa ser tratado como uma peça de consumo ou mero dado estatístico. São eles novos focos de uma transformação silenciosa, sem alardes, e que se intercomunicam pela afinidade de sentimentos. “Conspiram” porque “respiram” juntos o mesmo ar, os mesmos anseios. São portadores de uma revolução invertida, de dentro para fora, e por isso permanecem em silêncio, num compasso de espera, aguardando o momento certo para atuar. Não poderiam comprometer a nova ordem das coisas. Muitos deles já entraram em cena e desempenharam complicados papéis de mudança; papéis de destaque ou anônimos, como suportes ou pontas de lança, mas todos comprometidos com as transformações. São pessoas diferentes e que continuam a nascer todos os dias. Segundo Carl Rogers[2], eles terão uma infância atormentada, sofrerão as adversidades de um ambiente estranho e hostil, mas conseguirão sobreviver. Irão crescer, instruir-se para exercer as mais diversas profissões, geralmente ligadas ao processo de mudanças: na educação, nas artes, nos laboratórios, no ativismo social. Serão autênticos agentes da regeneração planetária e por isso ocuparão novos espaços e saberão explorar o novo tempo. É claro que também estão nascendo seres iguais ou piores aos do século XX, mas já são em menor número e brevemente serão impedidos de agir negativamente, pois serão vistos claramente como seres medíocres ou aberrações de passado inaceitável.

O momento atual é de lutas entre o velho e o novo, entre o vício e a virtude e de intensas contradições; é muito delicado e exige paciência e confiança no futuro; é uma longa fase de transição que deve ser vivida com coragem e vivenciada com aceitação e até sacrifício, como necessidade natural do processo de transformação.

Neste início de um novo século e de um novo milênio as instituições que trabalham pela qualidade de vida no planeta e pelo desenvolvimento da Humanidade já demonstram um vivo interesse em dar novos rumos no conhecimento e na melhoria da experiência humana. A Unesco, por exemplo, que é um órgão da Organização das Nações Unidas e voltado para as questões educacionais, elaborou um vasto estudo sobre as necessidades a serem preenchidas neste setor. Tais estudos devem preparar a Humanidade para os novos paradigmas sociais do novo milênio. Esse relatório, preparado por célebres educadores de diversos países e coordenado por Jacques Delors, elegeu como ponto fundamental os Quatro Pilares da educação para o futuro:

- Aprender a **Conhecer**
- Aprender a **Fazer**
- Aprender a **Conviver**

- Aprender a **Ser**

Nesses quatro verbos dinâmicos, certamente inspirados por inteligências espirituais superiores, estão contidas e sintetizadas as experiências essenciais da vivência humana, incluindo as inteligências múltiplas. Neles visualizamos não só os conteúdos teóricos racionais e exteriores, mas também a valorização das experiências emocionais, fortemente responsáveis pela plenitude existencial da nossa espécie. Numa ordem evolutiva de transformação da pessoa – de dentro para fora e de fora para dentro - eles contemplam, portanto, não só as habilidades cognitivas, mas também as competências, que influenciam o ser humano a tomar as mais importantes decisões. Mostram ainda, pela interação, as múltiplas faces e possibilidades do Ser:

- Ser **corpóreo**: de dimensão e complexidade biológica.
- Ser **inteligente**: de dimensão mental e complexidade psicológica.
- Ser **emotivo**: de sensibilidade e expressividade sentimental.
- Ser **social**: de relações e afinidades interpessoais.
- Ser **livre**: de ir e vir, de agir e decidir.
- Ser **estético**: que se alimenta de imagens e auto-imagens.
- Ser **volitivo**: que se move pela vontade.
- Ser **histórico e planetário**: do seu tempo e do seu ambiente.
- Ser **cósmico**: de condição e consciência meta planetária.
- Ser **espiritual**: de origem e condição metafísica.
- Ser **moral**: de natureza ética, de dinâmica evolutiva e positiva.

Nessa mesma linha de novas descobertas sobre a natureza humana e de propostas renovadoras Bernardo Toro[3] desenvolveu “*Os Sete Códigos da Modernidade*”, que são os saberes necessários para compreender e conviver na nova sociedade contemporânea. Baseando-se em experiências desafiadoras de ensino e educação em escolas públicas e comunidades carentes, o pesquisador colombiano identificou as principais ferramentas para interpretação e experimentação des se novo mundo, dessa nova ordem: velocidade tecnológica, diversidade social, incerteza e instabilidade de paradigmas, incongruência entre o efêmero e as permanências, multiculturalismo e fragmentação da realidade são as novas condições de vida e perspectivas que a humanidade tem pela frente.

- Dominar as diferentes formas de leitura e escrita;
- Resolver equações lógicas e psicológicas;

- Analisar, descrever e interpretar dados, fatos e situações;
- Compreender e atuar no contexto social;
- Receber aberta e criticamente os meios e mensagens da comunicação;
- Localizar, acessar e otimizar a informação acumulada;
- Planejar, trabalhar e decidir em grupo.

As Contra-correntes de regeneração

Outra tendência afinada com tais propostas são as idéias do filósofo Edgard Morin[4], cuja análise histórica da passagem do milênio identificou as três principais forças negativas predominantes no século XX : o aniquilamento, o irracionalismo e a servidão industrial. Identificou também, por outro lado, as contra-correntes que lutam pelo estabelecimento de uma nova ordem mundial, mais harmônica e humanista:

- **Ecologista** : movimenta-se pela preservação ambiental e pela conscientização ecológica;
- **Qualitativa**: luta pela qualidade de vida, pela humanização do trabalho, pelo exercício dos direitos de cidadania e integridade humanas;
- **Resistência ao consumismo**: pratica a temperança, a frugalidade e luta contra o consumo supérfluo e a cultura do desperdício de recursos;
- **Resistência ao capitalismo desumano**: é contra a tirania do dinheiro e do lucro e luta pela correta aplicação e distribuição da riqueza;
- **Resistência à frieza utilitarista**: exemplifica a poesia, a espiritualidade e o amor; combate a disseminação do comportamento individualista e da indiferença social;
- **Pacifista**: acredita no amor e no perdão e trabalha contra a disseminação da violência.

Segundo Morin todas essas contra-correntes buscam um novo sentido para a Humanidade, na construção de uma Civilização Planetária, através do desenvolvimento de uma consciência antropológica, da maturação de um civismo global e da espiritualização da condição humana. Profetizadas nas obras de ficção científica de Isac Asimov, como “fundações”, esses núcleos sociais ou átomos regeneradores foram surgindo em pequenos grupos idealistas na medida em ocorriam os abusos empreendidos pelas forças destruidoras e tirânicas e que colocavam em risco milhões de anos de evolução. Inicialmente foram vistas com desconfiança pela sociedade exatamente porque ousavam destoar dos conceitos comuns. Eram desacreditados porque se apoiavam em pessoas sem nenhuma

influência formal, e sim em jovens idealistas, ad ultos já conhecidos como velhos rebeldes, grupos de utopistas que nunca haviam mostrado resultados práticos de suas idéias. Mas com o tempo essas contra-correntes foram crescendo, tomando forma e força, ocupando espaço político e social. Na década de 1960 eram apenas pequenos grupos isolados; na década de 1980 foi tomando formato de organizações, como do Partido Verde, na Alemanha. E de protesto em protesto, e muitos abaixo-assinados, as contra-correntes foram se impondo como alternativas aos sistemas opressores do capital industrial, gerador de guerras, de morte e destruição ambiental. Podemos identificar na reunião de todas elas a síntese da Regeneração, na qual o nosso planeta poderá superar a condição de mundo inferior - de provas e expiações – adquirindo um perfil superior em moralidade e harmonia com as leis universais.

Atualmente continuamos insistindo nessa desarmonia com essas leis e por isso sofremos constantemente os choques de retorno dessas ações negativas. Elas são, quase sempre, estimuladas pelo egoísmo, pelo individualismo, pela ganância, pelo hábito pessoal e social das fugas da realidade, da mentira, da ilusão, da alucinação e outros mecanismos defensivos mentais. Essa situação de impasse entre a animalidade instintiva e a humanidade intuitiva exige uma reestruturação mental, pela educação dos sentidos físicos e psíquicos.

Novos verbos dinâmicos também estão nesse repertório de grandes transformações históricas visualizadas por Morin: o bem pensar; o cultivo da introspecção; a abertura para novas idéias e experiências; compreensão, pela empatia, da diversidade planetária e da complexidade humana. Tudo isso se resume numa nova Inteligência Global.

3. A Era da Inteligência Emocional

A melhor expressão da espécie humana é sua inteligência, diferenciada das demais espécies pela sua capacidade de fazer escolhas. E a maior expressão dessa inteligência são os sentimento e emoções, paixões e compaixões que o ser humano demonstra em relação às coisas e aos seus semelhantes. Este é o motivo pelo qual todas as culturas ensinam, de acordo com as suas tradições, que o Homem foi criado à imagem e semelhança da Divindade. Ao contrário do caráter quase estático da inteligência instintiva dos animais, a inteligência humana é dinâmica e constantemente desafiada pelas circunstâncias das existências. O fator mudança-adaptação do plano biológico animal é lento e quase imperceptível; porém, no plano psicológico hominal, é extremamente veloz, devido à percepção racional e dada à riqueza e diversidade das situações existenciais da experiência social humana. Diante dessa diversidade e impulsionado pelas paixões naturais, o ser racional não tem alternativa senão fazer escolhas, mesmo que seja em forma de fugas. É através dessa crescente riqueza circunstancial, estimulada pelas constantes descobertas e inquietações sociais, que se revelam as múltiplas faces da inteligência e também os segredos do funcionamento da mente e da aprendizagem. Foi por esse motivo que somente agora, em plena era tecnológica, antigas verdades, guardadas à sete chaves nos círculos ocultos, vieram à tona nos tempos atuais. Foi dessa forma que desabou o mito científico da inteligência única e da pedagogia unilateral. Quando um Huberto Rohden afirma que “ninguém educa ninguém” -

porque a educação é intransitiva – ou um Carl Rogers demonstra que o professor é apenas um facilitador, estão revelando essa face enigmática e atraente da mente humana, que só aprende algo e se deixa educar quando toma a decisão de se transformar. Quem decide o momento da educação é o próprio educando, pela auto-aprendizagem, que é a busca da sua realização. A educação não é somente intransitiva, mas é também imprevisível, como o próprio ser humano.

Os conceitos existentes sobre a inteligência - hoje bastante transformados - , já vinham passando por uma profunda revisão nas últimas cinco décadas do século XX. Diversos filósofos, psicólogos e educadores desenvolveram nesse período pesquisas e teorias revolucionárias, mostrando que a mente humana não era somente uma fatalidade biológica ou um mero produto do meio social; e sim uma complexa combinação de experiências cujas conexões permaneceram desconhecidas e ainda permanecerão por muito tempo no terreno do mistério. Tudo indica que nas próximas décadas deste novo século esse tema tão atraente tomará rumos totalmente novos em relação àqueles que vinham sendo propostos anteriormente. É assim que temos visto a recente substituição do tradicional conceito de Q.I. (Quociente de Inteligência) pelo Q.E. (Quociente Emocional) ou T.I.M.- Teoria das Inteligências Múltiplas. O primeiro julgava a inteligência do ponto de vista quantitativo, geral, único, fixo e imutável; o segundo já mostra a inteligência de um ponto de vista qualitativo, negando que exista somente uma inteligência geral e sim inteligências específicas e autônomas. Segundo essas novas teorias todos nós somos dotados de uma variedade de diferentes competências e habilidades cognitivas. O primeiro conceito restringia a inteligência ao pensamento lógico-matemático, mensurando-a com fórmulas da mesma natureza: o Q.I. seria então a proporção entre a inteligência de um indivíduo determinada de acordo com alguma medida mental, e a inteligência normal ou média para a sua idade[5]. O segundo conceito diverge da idéia de que a inteligência se mede pela capacidade de responder testes lógico-matemáticos e afirma que a mesma é caracterizada por um conjunto de habilidades emocionais na solução de problemas. Prova disso é o fato de que muitos indivíduos rotulados como “inteligentes” pelos testes de QI se mostraram inábeis na solução de determinados problemas que não os de ordem lógico-matemática. E muitos indivíduos, também rotulados como “pouco inteligentes” na realização dos testes de QI se mostraram muito habilidosos na solução de problemas nos quais os indivíduos de QI elevado sempre fracassavam. Enfim, a Ciência começa a perceber uma verdade filosófica tão antiga quanto a espécie humana: o livre-arbítrio como ferramenta de crescimento e autonomia pessoal; e a capacidade individual de fazer escolhas certas como o verdadeiro atributo da inteligência integral.

A partir dessas contradições teóricas e evidências de comportamento constatou-se que a inteligência não é absoluta, mas sempre relativa e proporcional ao grau de consciência da pessoa. Ela parte sempre do aspecto parcial e simples para o integral e complexo, que é a verdade como um todo. Quando afirmamos que alguém é inteligente ou pouco inteligente devemos sempre acrescentar as seguintes perguntas: Inteligente em que? Para que? Em que circunstância?

Inteligência sempre foi sinônimo de poder e superioridade e durante muito tempo ela vem sendo objeto sistemático de culto um social, sobretudo no mundo competitivo pós-industrial. Segundo esse conceito cultural, as pessoas tidas como

inteligentes geralmente são vistas como seres superiores aos demais. Mas são superiores em que sentido? Em que circunstância? Alexandre Magno, Júlio César e Napoleão Bonaparte eram seres muito inteligentes, mas não eram seres superiores aos demais seres humanos em diversos sentidos. Hitler, apesar de ser vegetariano e abstinente de carne, fumo e álcool, nunca foi exemplo de superioridade, sobretudo no aspecto moral. Todos eles eram seres humanos e, portanto, tinham limites não ultrapassados pelo tipo de inteligência que possuíam. Hitler tinha preconceitos contra judeus, negros, mulheres, etc.; isso é um limite na capacidade de solucionar problemas de convivência com aqueles que consideramos diferentes. Aliás, considerar pessoas ou conceitos diferentes como “inferiores ou “piores” denota claramente falta de habilidade mental para romper limites. Todos esses falsos “gênios” da história cometeram erros ao fazer escolhas e avaliações emocionais, provando que a inteligência que possuíam era limitada e parcial.

Foi isso que diferenciou esses famosos e “inteligentes” estadistas de alguns seres também inteligentes como Santo Agostinho, Gandhi, Confúcio ou Martin Luther King. Esses últimos eram pessoas que exibiam um tipo de inteligência não muito adequada para os padrões competitivos da arte militar e da conquista de territórios, mas extremamente habilidosos na competição contra inimigos interiores e na conquista do árido território íntimo. Eram, além de inteligentes, muito equilibrados emocionalmente. Suas conquistas interiores, aparentemente frágeis e impotentes, promoveram assustadoras mudanças exteriores, de grande impacto social. Logo, o equilíbrio emocional é um grande diferencial de inteligência. Isto porque, além da cognição e do pensamento lógico, esses indivíduos ampliaram suas inteligências através de outras experiências mentais, manifestadas pelos sentimentos e ações ainda incomuns na maioria dos seres humanos.

É por isso que o conceito de inteligências múltiplas abriu uma nova perspectiva na área do conhecimento, pois rompeu com os limites da “inteligência única”, que é por si só limitada e restrita, deslocando o ser humano para a “vivência”, que é uma forma de inteligência mais ampla, infinitamente irrestrita e ilimitada. Vivência pode ser chamada de inteligência total ou integral, enquanto a inteligência, única e isolada, é fragmentada e parcial.

A inteligência é um meio para se chegar ao conhecimento; a vivência é um fim, é o próprio conhecimento. E este “fim” não é o limite, mas o eterno “início” de novas e eternas experiências. Logo, conhecimento é uma experiência que na verdade não tem fim. Quanto mais conhecemos mais tomamos consciência de que não sabemos muito. Essa foi a vivência de Sócrates e foi por esse motivo que o oráculo o apontou como o homem mais sábio da Grécia, exatamente porque o conhecido filósofo vivia afirmando que nada sabia e que a experiência mais importante na vida era o “Conhece-te a ti mesmo”.

Todo ser humano que desperta para as realidades que o rodeiam o faz buscando entender a lógica da sua existência. Suas dúvidas o levam a aprender coisas novas e solucionar problemas delas decorrentes. E naturalmente faz perguntas, busca respostas, trás consigo o germe da filosofia no sangue e na alma. Considerando a linha filosófica socrática, as dúvidas mais comuns são essas:

- *QUEM SOMOS?*

Resposta: *Consciências, individualidades.*

- *DE ONDE VIEMOS?*

Resposta: *de uma fonte inteligente superior e criadora das coisas.*

- *PARA ONDE VAMOS?*

Resposta: *através de inúmeras experiências nos transformamos mental e constantemente do simples para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo.*

Mesmo discordando ou aceitando a lógica dessas respostas sentimos a necessidade de ir adiante, desvendar os mistérios que elas deixam na superfície da nossa capacidade de compreensão. Queremos então aprofundá-las cada vez mais.

Sabemos o que é a inteligência, qual a sua função e isso nos leva a perceber primeiramente que ela se localiza em um determinado ponto do nosso organismo: a cabeça, especificamente no cérebro. Mas os cérebros, organicamente falando, são todos iguais. Cérebros de criminosos famosos e de personalidades do mundo acadêmico, de pois de suas mortes físicas, foram dissecados por estudiosos e nada foi encontrado em suas medidas e características morfológicas que pudessem ser associadas à inteligência. Tanto o cérebro de Einstein quanto o do cangaceiro Lampião eram absolutamente idênticos. Então, por que as pessoas são diferentes e reagem de maneiras diferentes? Onde está essa diferença?

Quando uma pessoa vê um objeto vermelho todas as outras pessoas também vêem o tal objeto vermelho porque os cérebros realizam uma operação física semelhante para interpretar essa informação visual. Mas essas pessoas podem ter uma reação diferenciada quando são questionadas sobre o que “sentem” a respeito da cor vermelha. Uns podem “gostar” do vermelho e outros simplesmente “detestar” a mesma cor.

Por que isso acontece se os cérebros são iguais?

Resposta: quem manifestou o sentimento sobre a cor vermelha não foi o cérebro, mas algo que dá qualidade ao cérebro: a mente. O cérebro é uma massa orgânica e a mente[6] é o conjunto das experiências que o cérebro manifestou; o cérebro é apenas um captador externo de informações, pelos sentidos exteriores; a mente é a matriz das informações interiores, o arquivo dessas informações. Se aplicarmos uma relação de causa e efeito nessa análise é fácil perceber que o cérebro é o efeito da mente, em ora seja um instrumento orgânico essencial para a manifestação da mente. Um cérebro defeituoso ou lesado não veicula corretamente os pensamentos, as atitudes, sentimento e emoções emitidas pela mente.

Comparando algumas características podemos perceber algumas diferenças fundamentais entre cérebro e mente e estabelecer realmente onde está centro das inteligências:

O CÉREBRO: fisiológico, material, temporal, concreto, objetivo, são todos iguais na forma.

A MENTE: psicológica, espiritual, atemporal, abstrata, subjetiva, são todas diferentes no conteúdo.

Para o filósofo Henri Bergson, que dedicou sua vida ao estudo dessas diferenças conceituais, a percepção que temos do tempo e a existência da memória são provas irrefutáveis do universo mental:

"Todos os fatos e todas as analogias estão a favor de uma teoria que veria no cérebro apenas um intermediário entre as sensações e os movimentos, que faria desse conjunto de sensações e movimentos a ponta extrema da vida mental, ponta incessantemente inserida no tecido dos acontecimentos, e que, atribuindo assim ao corpo a única função de orientar a memória para o real e ligá-la ao presente, consideraria essa própria memória como absolutamente independente da matéria. Neste sentido, o cérebro contribui para chamar de volta a lembrança útil, porém mais ainda para afastar provisoriamente todas as outras. Não vemos de que modo a memória se alojaria na matéria; mas compreendemos bem - conforme a observação profunda de um filósofo contemporâneo [Ravaisson] - que "a materialidade ponha em nós o esquecimento".

Segundo Bergson o cérebro jamais poderia produzir as impressões e as referências que a mente consciencial dá ao tempo:

"A duração vivida por nossa consciência é uma duração de ritmo determinado, bem diferente desse tempo de que fala o físico e que é capaz de armazenar, num intervalo dado, uma quantidade de fenômenos tão grande quanto se queira. No espaço de um segundo, a luz vermelha - aquela que tem o maior comprimento de onda e cujas vibrações são portanto as menos freqüentes - realiza 400 trilhões de vibrações sucessivas. Deseja-se fazer uma idéia desse número? Será preciso afastar as vibrações umas das outras o suficiente para que nossa consciência possa contá-las ou pelo menos registrar explicitamente sua sucessão, e se verá quantos dias, meses ou anos ocuparia tal sucessão. Ora, o menor intervalo de tempo vazio de que temos consciência é igual, segundo Exner, a dois milésimos de segundo; ainda assim é duvidoso que possamos perceber um após outro vários intervalos tão curtos. Admitamos no entanto que sejamos capazes disso indefinidamente. Imaginemos, em uma palavra, uma consciência que assistisse ao desfile de 400 trilhões de vibrações, todas instantâneas, e apenas separadas umas das outras pelos dois milésimos de segundo necessários para distingui-las. Um cálculo muito simples mostra que serão necessários 25 mil anos para concluir a operação. Assim, essa sensação de luz vermelha experimentada por nós durante um segundo corresponde, em si, a uma sucessão de fenômenos que, desenrolados em nossa duração com a maior economia de tempo possível, ocupariam mais de 250 séculos de nossa história".

Refletindo ainda sobre a diferença que existe entre as pessoas, podemos afirmar com toda a certeza que ela não está no cérebro, mas na mente. É na mente que está localizada verdadeiramente a inteligência. É na mente que se encontra desde as experiências mais grosseiras e primitivas até as mais sofisticadas operações cognitivas. Quanto mais complexas são as experiências, mais complexas são as mentes.

Enquanto cérebro é composto de massa e dinamizado pelos neurônios, a mente é formada e desenvolvida pelo conjunto de habilidades ou inteligências cuja função é solucionar problemas de diferentes ordens. O conjunto dessas habilidades e competências opera e estimula os neurônios através das três vivências fundamentais: o Sentimento, o Pensamento e a Ação .

Durante todo o tempo de nossas vidas estamos pensando, agindo e sentindo. Ser inteligente não significa apenas raciocinar; significa também agir e reagir através de atitudes e emoções. É isso que tornam pessoas diferentes entre si, mais ou menos experientes uma em relação às outras, com maior ou menor grau de maturidade. Mas é bom lembrar que inteligência nem sempre é sinônimo de maturidade. Existem pessoas - crianças ou adultos - muito inteligentes porém imaturas emocionalmente. Essa é basicamente a diferença entre inteligência e vivência.

É através dessas três vivências que mente realiza suas funções psíquicas: obter conhecimento e auto-conhecimento e desenvolver o auto-domínio.

Na manifestação das três vivências, isto é, o contato com o ambiente, a mente tem como trabalho básico a solução de problemas e, num plano mais amplo, a ruptura de limites circunstanciais. Sempre que um problema é solucionado ocorre uma acomodação da nossa consciência; se o problema não teve solução é sinal que há um limite que deve ser rompido para ser superado. Enquanto isso não for possível ocorre então a adaptação, processo no qual a nossa consciência “dribla” a realidade através da resignação, das fugas e também dos ataques às situações incômodas.

Vejamos também como ocorre esse “jogo” entre a mente o ambiente[7]

"A vida cotidiana é cômoda quando estamos em contato com as coisas comuns e banais. Mas quando surge uma mudança qualquer, rompendo-se a monotonia através de situações novas, ela passa a ser incômoda. Essas situações podem ser de fácil assimilação e geralmente resultam numa nova acomodação. Porém, nem sempre as situações se acomodam. Na maioria das vezes as situações são incômodas – e nós sabemos a causa espiritual das mesmas – e geram uma sensação desagradável de ameaça ao nosso conforto íntimo. Diante dessas situações incômodas temos como opção a acomodação, o fracasso e adaptação: nesta última temos as tentativas de diminuição do sofrimento: a fuga, a resignação ou agressão. Para nos adaptarmos ao fracasso podemos fugir da realidade incômoda e isso é feito de inúmeras formas: desde a mudança brusca de assunto até a situação extrema de entrarmos em coma. Fingir indiferença, usar drogas e remédios, tomar bebidas alcoólicas, fumar, praticar algum esporte, fazer uma viagem, ler um livro, dobrar a carga de trabalho, demonstrar agressividade física e verbal, desmaiar e até mesmo entrar em coma são diferentes formas de adaptação ante as situações incômodas. As formas de variam de acordo com as pessoas e das circunstâncias em que ocorrem. É nesses momentos que a mente exige operações cognitivas na qual temos que usar algum tipo de inteligência para aprender a resolver desde os pequenos até os mais complexos problemas: da porta que emperrou ou do aparelho eletrônico que não funciona até as mais graves provações de ordem moral."

A Revolução das Inteligências Múltiplas

Com já dissemos, o conceito de uma inteligência genérica foi sendo gradualmente superado pelo conceito de inteligências múltiplas. Segundo essas novas tendências da educação e da ciência do comportamento o ser humano possui potencialmente sete tipos de inteligências ou competências e habilidades cognitivas[8]. São habilidades e competências que foram sendo adquiridas desde os primórdios da raça humana constituindo três tendências cognitivas: as inteligências naturalísticas (instintivas e intuitivas), as inteligências técnicas (intelectuais e racionais) e as inteligências sociais (emocionais e expressivas).

- Inteligência **LINGUÍSTICA**: habilidade e sensibilidade no uso e significado das palavras: retórica, persuasão, poesia, explicação, descrição e narração, etc.
- Inteligência **MUSICAL**: habilidade e sensibilidade aos sons e ritmos.
- Inteligência **LÓGICO-MATEMÁTICA**: habilidade na abstração, na criação de padrões, longas cadeias de raciocínio.
- Inteligência **ESPACIAL**: habilidade de precisão e sensibilidade na percepção do espaço e do tempo, nas formas e objetos.
- Inteligência **CINESTÉSICO-CORPORAL**: habilidade no uso do corpo com fins expressivos e no alcance de objetivos que exijam movimentos motores.
- Inteligência **PESSOAL**: é uma inteligência única no gênero e dupla na função: Intrapessoal é a capacidade de acesso à nossa vida emocional ou sentimental, pelo auto conhecimento; e Interpessoal é capacidade é a capacidade de observar e fazer distinções entre as pessoas do seu convívio.

Essas inteligências não apareceram no ser humano num passe de mágica, como se fosse um decreto arbitrário do Criador para suas criaturas, privilégio e sucesso de uns e fonte de tormentos e fracasso para outros. Elas são o produto de uma evolução natural, regida por leis naturais, de um desenvolvimento histórico da esfera biológica para a psicológica, realizada em milhões de anos de experiências, de erros e acertos. Marcaram dessa forma a transformação de habilidades parciais no plano existencial em competências integrais, no plano vivencial. Cada uma dessas habilidades e competências surgiu por efeito de uma necessidade imperativa imposta pela Natureza ou pelas circunstâncias. A descoberta do fogo é a mais conhecida dessas experiências. As vicissitudes do frio e da fome deram impulso para o desenvolvimento de habilidades que foram responsáveis pela sobrevivência da espécie humana na Era Glacial. A educação humana primitiva era feita pela natureza, pois o próprio Homem a ela estava mais estreitamente ligado. As leis naturais funcionavam processo de ensino-aprendizagem. Com o desenvolvimento da razão e do livre-arbítrio, o ser humano passou a gerir sua própria educação e, não satisfeito com a sua autonomia, passou a desafiar a maestria da natureza na tentativa de submetê-la e transforma-la segundo assua necessidades. Essa ruptura coincide com o desenvolvimento das inteligências múltiplas e a verticalização gradual da consciência. Em cada época da Humanidade essas inteligências se manifestaram em protótipos históricos[9], dando um perfil antropológico para os grupos humanos e civilizações nas quais viveram. Esses protótipos foram na

verdade grandes educadores, modelos de pedagogias avançadas no tempo. Em todos eles encontramos grandes projetos pedagógicos cuja essência era transpor as coletividades da barbárie para a civilização. Essa transposição teve como suporte o aparato da inteligência emocional desenvolvido no advento institucional da família, em cujas relações sociais sanguíneas e de efetividade foram se processando as primeiras noções de ordem, de valores, de moral e de ética. Foi a partir da família e de suas seqüências coletivas (clãs, tribos, frátrias) que os grandes educadores primitivos elaboraram seus projetos educativos facilitando ou reforçando as bases da civilização. Foi no trajeto histórico do costume para a lei, da família para o Estado, da moral para a ética, que esses educadores fixaram as bases do comportamento diferenciado que traziam gravados em suas almas. Eram seres de superioridade inconfundível e desde cedo funcionaram como vetores de uma moralidade avançada e na maioria das vezes ainda incompatível com o moral predominante em suas épocas. Mas era exatamente essa característica que os tornavam aptos a exercer a função de agentes transformadores do comportamento comum. Na Antiguidade o veículo mais adequado para se processar tais mudanças eram os núcleos religiosos, que eram locais onde a curiosidade e a busca da verdade era mais comum. A iniciação religiosa e nos mistérios da natureza aconteciam nos templos ou em escolas iniciáticas alternativas que fugiam da viciação social e política do clero. É só lembrarmos do percurso histórico feito pelos judeus entre o Egito e a Palestina, no qual Moisés funciona como educador social ao implantar, em pleno deserto, o projeto da civilização judaica, base da futura civilização cristã. Antes da implantação Moisés fez sua iniciação nos templos egípcios, conheceu os segredos do corpo e do Espírito, o domínio das forças elementares e da comunicação transcendental entre os mundos físico e metafísico. A essência do seu projeto era a idéia da Lei Universal, que deveria ser personalizada na figura de um Ser Único, superior e regulador de todas as coisas, em todos os lugares. O povo judeu seria a classe de aprendizagem mais adequada para esse empreendimento, base social potencialmente mais eficiente, pois reunia as condições culturais e circunstanciais para a efetivação dessas idéias avançada para a época: vinham de uma antiga luta de afirmação de identidade social (desde Abraão), estavam na condição de escravos, oprimidos pelo poder egípcio; passariam nesse trajeto por provas espetaculares nas quais poderiam avançar ou recuar, vencer ou fracassar. Todas essas provas eram ponto de escolha entre a barbárie e a civilização, entre a verdade espiritual e a ilusão material. Povo inquieto, inteligente, orgulhoso, pragmático, criativo, de fácil inter-relacionamento com outras culturas, sobretudo no terreno dos negócios, os judeus não guardariam somente para si essa experiência da busca de Canaã. A longa formação e a dispersão das tribos na Diáspora seriam a garantia de que as lições de justiça divina ensinadas por Moisés seriam propagadas nos quatro cantos da civilização oriental, então predominante no planeta. O “curso” de quarenta anos no deserto forneceu preciosas experiências que permitiram a realização de escolhas decisivas, ricamente registradas no grande livro didático bíblico. Moisés foi, em sua época, um protótipo do Homem Teológico, legislador universal. É claro que a tradição sacerdotal ofuscou muito do brilho da sua sabedoria, inventou e incorporando em sua obra elementos dogmáticos estranhos e pervertidos, como o exclusivismo racial e a violência do talião. Mas tantos os profetas, também excelentes educadores sociais, como o próprio Jesus, sublime pedagogo cósmico, se encarregariam de fazer justiça ao trabalho educativo de Moisés, revelando mais tarde a sua verdadeira face espiritual e libertadora. Hoje é fácil entender que os relatos

bíblicos sobre a Moisés e o povo do deserto escondem sedutoras metáforas vivenciais: a abertura e passagem do Mar Vermelho, por exemplo, revela não somente espetáculo do fenômeno sobrenatural, que é puramente simbólico, mas a idéia do impasse educativo entre recuar para a barbárie e avançar para a civilização. Voltar para o Egito naquele momento significava morrer espiritualmente, retroceder e negar as lições de futuro e permanecer no passado, na escravidão do orgulho, da persistência no mal, no sofrimento inútil e desnecessário. Canaã nunca foi um lugar geográfico, mas o mundo ideal, modelo de perfeição traçada na utopia de Moisés. A Palestina materializou-se como Canaã por causa da teimosia e ambição da tradição e do imediatismo materialista daqueles que não souberam aproveitar as lições do deserto. Tanto é que, até hoje, esse falso território da liberdade continua sendo o centro das contendas políticas mundiais e de dolorosos resgates cármicos. O mesmo equívoco deu-se no cultivo utópico da Jerusalém espiritual e do Reino de Deus ensinados mais tarde pelos profetas e por Jesus, e deturpados pela tradição clerical das igrejas.

Os protótipos antropológicos avançados deixaram marcas inegáveis da sua educação superior. Moisés ensinou a Lei, Khrisna iluminou as dúvidas sobre o livre-arbítrio e destino; Buda exemplificou o domínio do desejo; Lao-tsé e Confúcio demonstraram os segredos da paciência e da honestidade; Zoroastro tranqüilizou o espírito humano dividido entre o bem e o mal; e Jesus vivenciou na própria carne a lição do amor e do perdão.

Assim, na Pré-história apareceu o Homem Biológico; nas primeiras civilizações da Antigüidade surgiu o Homem Teológico; nas peripécias da civilização greco-romana desenvolveu-se o Homem Racional; na transição do feudalismo para o capitalismo, com o advento da Renascença, delineia-se o Homem Metafísico; na Era industrial, em meio às descobertas científicas dos séculos XVIII e XIX, aparece o Homem Positivo; e na Era Atômica e da Informática, na transição do 2º para o 3º milênio, já encontramos sinais do Homem Psicológico.

Esses seis protótipos seriam ainda a base para o desenvolvimento, num futuro ainda distante, de um Sétimo Ser, o Homem Cósmico, que será a síntese de todas as inteligências, de todas as experiências acumuladas nos milênios anteriores. Segundo revelações de diversas tradições espiritualistas esotéricas, este Sétimo Ser, que supera todos os obstáculos das seis inteligências exteriores, é o protótipo que vai se manifestar na sétima raça e dominará a sétima inteligência, que é a plenitude, a felicidade, o nirvana, o reino de Deus, enfim o domínio das coisas exteriores e do universo interior, que é a Consciência Integral e Universal.

Então, em diversas épocas, encontramos essas manifestações da conquista evolutiva das múltiplas inteligências: os primeiros seres “adâmicos” que dominaram o fogo e criaram a agricultura; os estadistas e líderes como Moisés, o faraó Amenófis IV; filósofos como Zoroastro, Pitágoras, Sócrates, Buda, Confúcio, Lao-tse, Apolônio de Tiana; personalidades marcantes como Paulo de Tarso, Hermes Trimegisto, Rama, Antúlio de Maha-Ethel, Gandhi, Santo Agostinho, Francisco de Assis; figuras intrigantes como Albert Einstein, Anie Besant, Allan Kardec, Dom Bosco, Helena Blawastky, Sigmund Freud poderiam certamente ser apontados como protótipos desses seres históricos que desenvolveram habilidades fora do padrão da época em que viveram e servindo de modelos para as

sociedades que observavam seus exemplos.

Algumas dessas pessoas poderiam ser classificadas como um Sétimo Ser? Ao nosso ver todas elas atingiram a plenitude psicológica, mas somente Jesus tornou-se um verdadeiro protótipo do Sétimo Ser, a síntese das experiências que transformam o Homem Psicológico no Ser Espiritual, superconsciente, completo e integral. Não se trata apenas de uma crença dogmática na sua pessoa ou simples admiração ideológica. Os próprios mestres de reconhecida sabedoria reconhecem sua inferioridade diante da magnitude de Jesus[10]. Nele nós podemos perceber a realização de experiências comuns a outros seres já altamente evoluídos, porém encontramos também vivências inéditas, não registradas anteriormente, e que revolucionaram o comportamento humano, que romperam historicamente paradigmas psicológicos e sociais que não haviam sido ultrapassados. É indiscutível modelo de perfeição relativa, dos seres criados, pois a perfeição absoluta é somente Deus, o Criador. A figura histórica de Jesus, bem como de outras personalidades evoluídas, veio sendo ofuscada por leituras místicas e mitológicas que não souberam compreender à luz da razão os seus conceitos filosóficos e suas atitudes sociais; sua experiência refletiu a manifestação de uma inteligência superior vivendo num ambiente inferior. Sua “luz” interior, normalmente não revelada por seres evoluídos, por cautela e também pela inutilidade circunstancial, com ele teve que ser revelada por necessidade histórica; daí o seu aspecto sacrificial. Era necessário compartilhar essa experiência não só com a iniciação a curto prazo dos discípulos, mas estender e investir a longo prazo numa iniciação coletiva das massas, num grande projeto pedagógico universal. As expressões “salvador” e “redentor” aplicadas a ele não possuem apenas significados místicos e de adoração exterior. Trata-se de uma definição da sua alta capacidade pedagógica de redirecionar o comportamento de coletividades humanas moralmente falidas. Esse tipo de experiência não ocorreu apenas em nosso planeta e deve ser comum em outros orbes cujas humanidades atingem ciclos evolutivos críticos e precisam ser reorientadas nas suas jornadas espirituais. Ela sabia dos riscos de se “jogar pérolas aos porcos”, mas na sua “parábola do semeador”, percebe-se que há nele uma confiança no livre-arbítrio e na potencialidade angélica e espiritual do ser humano ainda animalizado. Muitos “iniciados” modernos não compreendem por que Jesus resolver revelar sua luz para as massas. Fazem uma avaliação parcial da sua obra pedagógica, olhando apenas os resultados políticos e o triste episódio da sua condenação à pena de morte. Esquecem que a proposta era exatamente essa: o sacrifício pessoal e o perdão como lições derradeiras de alto impacto psicológico e social. Essa repercussão histórico-vivencial de Jesus não foi uma coincidência social e que virou tradição à toa, ao acaso. Ela teve a sua razão de ser, essencialmente exemplificadora, e passou a ser imitada e propagada pelos primeiros mártires cristãos, seres já um tanto evoluídos, que perceberam que podiam experimentar essas ações e contribuir para a revolução ao mesmo tempo silenciosa e estrondosa de Jesus. Cada cena registrada, cada conceito explicado, cada exemplo vivenciado, cada símbolo, cada metáfora, cada revelação, cada atitude, cada cura, tinha sempre seu significado filosófico e sua significância social. Foram três anos de tarefa pública e notória. Seu nascimento não foi escolhido como marco divisor da nossa história somente pela imposição política dos estadistas cristãos ou das igrejas que durante muito tempo foram depositárias, nem sempre fiéis, das suas idéias. É que muitos cristãos sinceros e dedicados logo compreenderam, intuitivamente, a

sua superioridade espiritual sobre o homem comum, chegando mesmo a confundir-lo com o próprio Criador. Este Ser Integral superou a perfeição relativa que caracteriza todos os seres que o antecederam e sucederam no tempo para ingressar na experiência interminável e sempre evolutiva da busca e conquista da perfeição absoluta, que é Deus.

4. A Andragogia Espiritual

Andragogia é a prática educativa iniciática que, desde remotíssimos tempos, vem sendo utilizada em núcleos filosófico-religiosos. Ela visa, sobretudo, a formação de agentes multiplicadores (discípulos) de uma determinada doutrina. A iniciação, como técnica didática, é idêntica no que diz respeito à sua essência educativa e varia somente nas suas aplicações culturais, sendo comum tanto nas mais simples práticas primitivas tribais até as mais sofisticadas instituições sacerdotais. O pagé indígena, o feiticeiro ou curandeiro tribal, o padre católico, o pastor protestante, o xamã, o bruxo, o mago, o gurú, o pai-de-santo, a rezadeira ou benzedeira, todos são iniciados em suas respectivas áreas de conhecimento, obedecendo princípios e regras educativas necessárias ao exercício de suas funções ou papéis.

Nas civilizações teocráticas da Antiguidade oriental esse tipo de prática educativa foi predominante porque a camada sacerdotal tinha grande influência social e política. O sacerdócio era um status diferenciado e altamente prestigiado nessas sociedades.

A introdução da educação iniciática oriental no mundo ocidental se deu através do contato da civilização greco-romanos com as culturas do Egito, da Índia e da China. Sábios gregos como Heródoto, Platão e Pitágoras freqüentaram núcleos iniciáticos orientais. Mas a própria metodologia de ensino de Sócrates (a maiêutica e a ironia) funciona como um processo de iniciação no qual o discípulo tinha que romper barreiras e obstáculos para vencer etapas de aprendizagem. De todos esses sábios do Ocidente, Pitágoras foi o que mais se destacou nesse setor, criando uma escola iniciática de grande prestígio na qual se ensinava ao mesmo tempo o conhecimento racional, o fenomenal exterior (exotérico) e o fenomenal interior ou emocional (esotérico). A Matemática pitagórica tanto abrange o aspecto racional do universo (geometria) como o aspecto místico, como a teoria da perfeição numérica setenária.

Na Idade Média, em plena Era Metafísica, a educação iniciática, voltou a ser praticada nos círculos de elite, como contestação e alternativa ao monopólio cultural teológico da Igreja (ordens religiosas em mosteiros e conventos). Nessas sociedades secretas ocultistas os homens cultos e inquietos se reuniam para aprender e desenvolver conhecimentos proibidos. A Maçonaria é um exemplo desses núcleos, cuja origem foi a corporação de ofício dos pedreiros ou construtores (do francês “masson” ou fazedor de massa).

Na Renascença essas sociedades secretas se propagaram em função do relativo clima de liberdade estabelecidos em cidades comerciais e pelas revoltas contra os abusos de poder do clero católico (Reformas). Nomes famosos como Galileu, Leonardo Da Vinci, Rafael, Miguelangelo foram iniciados nos mistérios metafísicos dessas escolas esotéricas e deixaram transparecer em suas obras os reflexos desses

conhecimentos.

Com o advento do iluminismo e das Revoluções Liberais as escolas iniciáticas perderam muito da sua influência por causa do estabelecimento das liberdades civis. Mesmo assim, sabe-se que muitos desses movimentos foram pensados e tramados em núcleos iniciáticos ou pelos seus ex-alunos.

No mundo contemporâneo, com as crises existenciais geradas pelo clima de incerteza, as escolas iniciáticas ainda sobrevivem e em determinados setores avançam como alternativa educacional da chamada Nova Era, do III Milênio.

Características mais comuns da educação iniciática:

- Ocultismo, misticismo, mistérios, enigmatismo e simbolismo;
- Busca do conhecimento das relações e inter-relações entre o Homem, Divindades e a Natureza;
- Diferenciação entre o conhecimento Exotérico e o conhecimento Esotérico;
- Relação de confiança entre mestre e discípulo;
- Regras disciplinares e de conduta (silêncio, jejum, meditação, olhar, etc.);
- Progressão gradual dialética em etapas (graus hierárquicos);
- Instrumentos rigorosos de avaliação probatória;
- Diferenciação metodológica entre a pedagogia e a andragogia.

Fazendo uma comparação teórica, enquanto a Pedagogia está voltada para a educação existencial das crianças a Andragogia volta-se para o aperfeiçoamento consciencial dos adultos. Para tanto, esta última lança mão de métodos diferenciados da educação infantil, capazes de amadurecer o indivíduo biologicamente já desenvolvido, porém emocionalmente imaturo, através do processo de despertar. Essa metodologia consiste basicamente na reversão do conhecimento e do aprofundamento de experiências, do plano exotérico para a dimensão esotérica. O conhecimento esotérico está inserido no rol dos principais tipos de conhecimentos manifestados na experiência humana, a saber: o mágico, o empírico, revelado, lógico-racional, o experimental, e o intuitivo. O esoterismo enquadra-se, portanto, na esfera da revelação místico-religiosa, da qual provém a maioria dos ensinamentos espiritualistas ministrados pelas escolas iniciáticas tradicionais e também pelas principais religiões históricas das civilizações. Lembrando Platão e sua analogia sobre o efeito moral do conhecimento nas pessoas, a Verdade é como uma luz que ofusca a visão do expectador que se habituou com a escuridão de uma caverna escura. Ele vai se adaptando gradualmente à medida que faz incursões de olhos vendados até que possa finalmente encarar a luz sem nenhuma proteção. A venda nos olhos é o exoterismo; tirar a venda dos olhos é processo de iniciação esotérica.

Todas as religiões e escolas filosóficas espiritualistas, em todas as épocas, guardam duas formas básicas de expressão social: uma esotérica, voltada para os setores mais intelectualizados, cuja minoria tende sempre a formar suas elites, corporativas ou não; e outra exotérica, voltada para as massas, para cuja maioria limitada intelectualmente assume significados simbólicos e ritualísticos mais acessíveis ao seu nível de compreensão. Isso significa que as religiões e filosofias possuem conhecimentos complexos que precisam ser, de uma forma ou de outra, vulgarizados, quase sempre em forma de dogmas e sacramentos cerimoniais.

Mas tudo isso só amplia ainda mais o fascínio que o ser humano tem pelo conhecimento esotérico. Menos palpável e realista do que os conhecimentos lógico-racional e empírico, ele não fornece provas materiais dos fatos, porém gera em todos nós uma profunda confiança na imaginação e na capacidade filosófica de cultivar as possibilidades do desconhecido. A mente humana não se alimenta apenas de convicções lógico-rationais. Nossa auto-realização depende do entendimento e da compreensão de muitas outras coisas que estão fora dessa esfera limitada da cognição racional. Além do pensamento estão inúmeras outras experiências ainda não decifradas e que se escondem no universo dos nossos sentimentos e emoções. Somente quando estivermos suficientemente equilibrados nas três áreas vivenciais é que poderemos conviver com o conhecimento pleno e absoluto das coisas. Por enquanto teremos que viver na relatividade. Enquanto isso, não há nada de mal especularmos nesse terreno oculto e atraente do mundo das idéias, da esorealidade da qual falava Platão.

5. A Consciência e a Verdade

“Aos quinze anos, minha inteligência se consagrava ao estudo. Aos trinta, mantinha-me firme. Aos quarenta, não tinha dúvidas. Aos cinquenta, conhecia os decretos do Céu. Aos sessenta, o meu ouvido era um órgão obediente para a recepção da verdade. Aos setenta, podia fazer o que me desejasse o coração sem transgredir o que era justo”. – Confúcio (Kongtzeu).

Duas coisas predominam e todo o Universo: a Consciência – que é Deus e os seres criados à sua imagem e semelhança; e a Lei, que é a vontade de Deus governando os seres e a Natureza.

A Lei significa a ordem, o equilíbrio, a harmonia. A Consciência significa inteligência, pensamento, ação, emoção, realização, auto-controle, responsabilidade e convivência.

O contrário da Lei é o caos, o mal, a escuridão, o medo e a ignorância, a incerteza, a insegurança e o sofrimento. O contrário da Consciência é a alienação e a loucura.

Quando a Lei e a Consciência não se chocam e andam juntas significam sempre o Bem, a Luz, a fé, a confiança, a sabedoria, a resignação, a tranqüilidade, a confiança e a felicidade.

A união da Lei com a Consciência resulta no conhecimento gradual da Verdade. Quando conhecemos a Verdade a nossa vida se transforma incessantemente.

A Verdade total ainda está bem longe do nosso alcance: ainda não temos maturidade para conhecê-la como um todo. Por isso vamos conhecendo-a em partes. Se conhecêssemos a Verdade de uma só vez entraríamos em desequilíbrio. Por isso, assim como as crianças que aprendem a andar por si próprias, vamos dando passos lentos, até adquirirmos segurança para pisarmos nesse terreno, para nós ainda tão assustador e inseguro.

Em várias épocas Deus permitiu a manifestação na Terra, e em muitos outros mundos físicos, de seres sábios para mostrar a Verdade aos homens. Mostraram muitas coisas verdadeiras, mas não puderam mostrar tudo por completo. Krishna e Buda na Índia, Zoroastro na Pérsia, Lao-tsé, Fo-Hi e Confúcio (Kong-Teseu) na China, Sócrates na Grécia, Moisés e Jesus na Palestina. Todos eram legisladores morais e ampliadores da Consciência humana.

Todos eles falavam da Lei e da necessidade de praticarmos essa lei desenvolvendo a Consciência. Krishna e Buda ensinavam: amem os seres da Natureza e controlem os desejos; Moisés alertava: respeitem a Deus não matando e não roubando; Os mestres da China recomendavam: Cultivem a paciência e a bondade; Zoroastro explicava a importância do livre-arbítrio falando da luta constante entre o Bem e o mal; Sócrates refletia: sei que nada sei e recomendava: conhece-te a ti mesmo; Jesus pedia: sejam humildes, perdoem seus inimigos. Este, como o último grande sábio que se manifestou em nosso planeta, tinha plena consciência de sua responsabilidade e do momento histórico que estava inaugurando para a Humanidade: *“Não pensei que vim destruir a lei ou destruir os profetas; eu não vim destruí-los, mas dar-lhes cumprimento; porque eu vos digo que o céu e a Terra passarão antes que tudo o que está na Lei não seja cumprido perfeitamente, até um único jota e um só ponto”*.

Quando falavam da Consciência esses sábios convidavam todos para conhecer as maravilhas do nosso mundo interior, que uns chamavam de Nirvana, de Plenitude ou ainda o Reino de Deus.

Uma Consciência é a prova viva da existência de Deus, sua própria imagem e semelhança. A Consciência não pode jamais ignorar a Lei ou fugir de si mesmo agredindo sua natureza espiritual divina.

A Lei diz que somos todos iguais em Espírito, na origem, na raiz, que é a nossa Consciência. Somos diferentes no pensar, no agir e no sentir porque temos a liberdade de escolha dos caminhos que vamos percorrer. Mas somos iguais naquilo que queremos atingir como finalidade.

Nossas diferenças nunca devem servir de motivos de conflitos e de violência. Pelo contrário, as diferenças existem para que pratiquemos a lei da convivência, conhecendo a Verdade única do Amor Universal.

Por Isso Jesus ensinava: aquele que se humilhar será exaltado, ou seja, aquele que respeitar a simplicidade e a ignorância do seu semelhante será sempre maior porque ficará com a consciência limpa e com o coração leve. Na sua enorme experiência espiritual, Jesus dizia: Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai o meu jugo e aprendei de mim, porque

sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque meu jugo é suave e um fardo leve.

Quem tem a consciência limpa pelo senso de justiça e o coração leve pela humildade jamais sofre diante das dificuldades e das provas da Vida. Jesus já conhecia plenamente essa realidade do mundo interior e ensinava: Sejam inteligentes como as serpentes e simples como as pombas. A serpente é a necessidade de sobrevivência do corpo e a pomba a salvação da alma.

A humildade é o segredo para estarmos sempre quites com a Lei e paz com a nossa Consciência. Já o orgulho é a rebeldia, o egoísmo, a causa da manifestação de todos os nossos defeitos morais. Esses defeitos nos afastam da Lei, escurecem a nossa Consciência, nos tornam infelizes e derrotados.

A humildade não é covardia. É preciso muita coragem e disposição para ser humilde. O orgulho é sim uma covardia, porque incentiva o ser humano a mentir para si mesmo. Quem é mais covarde: aquele se enfrenta ou aquele foge de si próprio?

A Ciência humana desconhece as origens da consciência. Opinam muitos pesquisadores especulando que ela é produto da transformação dos organismos, vendo nisso somente o fenômeno visível e exterior. Não conseguem, portanto, estabelecer uma correta e clara relação de causa e efeito. Sabem que ela existe, pois carregam dentro de si mesmo essa prova viva, mas, contraditoriamente, não têm como prova-la objetivamente, segundo os paradigmas científicos que cultuam. Tanto a Consciência como a Mente continuam sendo considerados nas academias materialistas como uma crença. Até mesmo as clássicas experiências e teorias do Dr. Sigmund Freud são incluídas neste rol. No entanto ela aí está, seja como crença, seja como fato objetivo ou subjetivo, servindo sempre como referência no esforço que fazemos para compreender e aceitar a realidade.

Como percebemos, este é o assunto que mais incomoda e fascina aqueles que sentem a necessidade de explicar as coisas e, por isso, está presente em todas as atividades nas quais o ser humano está envolvido. É só conferirmos nos dicionários[11] para constatar a enorme incidência de conceitos e circunstâncias em que a palavra “consciência” aparece como base nas definições filosóficas.

Mas uma coisa é certa: é indiscutível ela é a principal porta de acesso à Verdade, que todos nós buscamos ansiosamente. Trata-se de um termômetro e ao mesmo tempo uma bússola que utilizamos para navegar no imenso oceano do Desconhecido.

As leis Universais

O conhecimento sobre as Leis Universais não é simples produto teórico das elucubrações e dos ensaios teológicos e filosóficos do ser humano.

Trata-se de algo que está muito mais além das nossas cogitações mentais, bastante limitadas pelas nossas atuais condições morais e incapacidade de visualizar a complexidade do Universo que nos rodeia.

Vivemos mergulhados neste imenso mar cósmico de estrelas e nebulosas, na verdade um Grande Oceano Mental do qual somos parte indiscutível e inalienável.

O saber dessa verdade universal vem de longa data, através da revelação gradual do mundo e da realidade.

A revelação, como a própria verdade, tem muitos caminhos de manifestação e diferentes formas de se comunicação ao seu principal alvo, que o ser humano. O Homem é o primeiro estágio de uma enorme escala consciencial na qual se realiza a revelação das coisas dos seres e da Vida.

Os caminhos da religiosidade, das artes e das ciências são os meio mais comuns para que a Verdade se manifeste em forma de revelação. E é principalmente através desses três campos de experiências que apareceram em todos os grupos humanos, de todas as épocas, os conceitos sobre as leis universais. Muitos diferem na forma, mas são idênticos na essência, provando que brotaram da mesma fonte e que cumprem a mesma finalidade de promover o crescimento e a felicidade das consciências que animam a Criação.

Um antigo aforismo oriental afirma que *“Dormimos no mineral, sonhamos no vegetal e acordamos no animal”*. Já um recente axioma ocidental confirma que *“Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”*. Não são também provas irrecusáveis da legislação e do equilíbrio universal? Também, não é verdade a relação entre o macrocosmo da realidade Universal e o microcosmo da realidade humana?

A tomada de consciência é, portanto, o início da imensa jornada de descobertas dos mistérios do Cosmos; e conhecimento das leis que regulam esse universo é o primeiro passo para compreendermos o que é o Caminho (que é o Conhecimento), o que é a Verdade (que é o Criador) e finalmente o que é a Vida (que somos nós, as Criaturas).

- Lei da **EVOLUÇÃO**: é imperiosa em todo o Cosmo e nenhum ser escapa à sua ação transformadora, tanto na forma, como na essência.
- Lei da **RELATIVIDADE**: toda forma é relativa, toda essência é absoluta. Deus no plano absoluto é inacessível, imponderável, invisível; mas no plano relativo torna-se manifestado através dos universos materiais, tornando-se objetivo, ponderável, visível.
- Lei da **ORDEM**: é o equilíbrio universal absoluto resultante da perfeição e da harmonia do conjunto e da cada uma das partes em separado. O inverso disso seria o caos.
- Lei da **UNIDADE**: Deus é unidade, por isso é absoluto e uno; no plano relativo manifesta-se fragmentado de forma dupla ou trina. O homem é semelhante a Deus porque é duplo e triplo : visível e invisível, estável e transformável, mortal e imortal; é também triplo porque é espírito, energia e matéria.

- Lei das **UNIDADES COLETIVAS**: nada existe individualmente isolado, independente. Toda individualidade resulta de agregados de individualidades ainda menores e até o infinito negativo, sendo, ao mesmo tempo, parte integrante de individualidades maiores, que o são de outras ainda maiores e assim até o infinito positivo.
- Lei do **TRANSFORMISMO**: por esta lei toda a unidade do Universo se mantém inalterada, nada desaparecendo do Todo, mas unicamente se transformando através da evolução. O Espírito se transforma moralmente e mantém inalterada a sua essência.
- Lei do **RITMO**: o Universo todo funciona por meio de ritmos, desde os fenômenos astronômicos aos psíquicos, desde os químicos aos sociais. Tudo tem fluxo e refluxo.
- Lei da **CAUSALIDADE**: não o acaso, tudo está concatenado pelo princípio de causa e efeito. Acaso é somente aquilo cujas causas desconhecemos.
- Lei da **POLARIDADE**: tudo é duplo; tudo tem dois pólos. Tudo tem seus opostos e seus opostos são idênticos em natureza, porém diferentes no grau de vibração. Espírito e matéria são dois pólos opostos da mesma coisa; calor e frio, ódio e amor, masculino e feminino, perto e longe, luz e trevas, alto e baixo. Uma nota musical numa oitava abaixo é idêntica à mesma nota uma oitava acima, diferindo somente no grau vibratório.
- Lei de **VIBRAÇÃO**: nada está parado no universo. Tudo se move, tudo vibra. As diferenças entre as diversas manifestações da matéria, energia e espírito resultam das diferenças vibratórias.
- Lei do **GÊNERO**: o gênero está em tudo, manifestando-se em todos os planos. Tudo tem o seu princípio masculino e feminino, e isto se dá tanto no plano físico como no espiritual. No plano físico é o sexo, que é geração, no plano mental é regeneração, e no espiritual é criação.
- Lei do **LIVRE ARBÍTRIO**: só aplicável aos Espíritos, encarnados e desencarnados; é o direito de ação individual pela liberdade com a recíproca da responsabilidade: é a ferramenta de ingresso na razão e na consciência. Seu uso ou abuso é que define a evolução ou a estagnação, o equilíbrio ou o desequilíbrio, a felicidade ou infelicidade dos Espíritos.

Sobre as leis secundárias temos uma série delas que complementam as primeiras nos casos específicos. São as chamadas manifestações morais das leis maiores e estão inter-relacionadas entre si:

- Lei do **TRABALHO**: lei que permite a produção, a sobrevivência e a realização de inúmeras necessidades individuais e coletivas;
- Lei de **SOCIEDADE**: compartilhar socialmente as experiências para a aprendizagem e a evolução.

- Lei da **REENCARNACÃO**: segundo a tradição oriental é a lei que permite o retorno aos mundos físicos para a realização de novas experiências. A renovação orgânica, pelas múltiplas existências, facilita a renovação espiritual.
- Lei da **JUSTIÇA** : é a expressão moral da lei de Causa e Efeito, também conhecida como lei do Carma;
- Lei de **ADORAÇÃO** : é a relação natural entre a criatura e o Criador, manifestada segundo a evolução dos seres.
- Lei de **REPRODUÇÃO**: são os recursos genésicos que garantem a perpetuação das espécies.
- Lei de **CONSERVAÇÃO** : a manutenção da integridade física e moral.
- Lei de **DESTRUIÇÃO**: é um recurso extremo, permitido pela própria necessidade de transformação.
- Lei do **PROGRESSO**: nada impede o progresso, pois é uma necessidade impulsionada pela transformação e evolução; no plano relativo nada é definitivo.
- Lei da **IGUALDADE**: as diferenças só ocorrem nas vibrações e não na essência; os seres são iguais perante a lei por isso são iguais em essência; a aplicação da lei lhes são diferentes na medida que são diferentes as suas necessidades e capacidades de compreensão.
- Lei de **LIBERDADE**: ser livre é atributo natural; o abuso da liberdade é que reduz e limita a sua atuação.

A Lei das Leis

Esta é a lei que resume todas as outras e que pode ser definida como um “sentimento” superior. É um sentimento espontâneo e esclarecido que impulsiona a criatura a ser útil ao próximo, auxiliando-a na sua evolução, visando, não somente o seu bem, mas o bem de toda a coletividade da qual faz parte. É a **Lei do Amor**. Todos os Iluminados que ensinaram a realidade das leis universais deram a ele um destaque especial, pois tinha plena consciência de que para ela não existem teorias, mas somente a exemplificação.

Jesus, que é considerado, pela sua exemplificação vivencial, uma expressão máxima dessa lei no mundo físico, sabia da dificuldade que ser humano tem de compreender intelectual e espiritualmente as leis universais e, por isso optou pela simplicidade das parábolas e da exemplificação pessoal para ensinar algo tão complexo. Nas suas bem-aventuranças estão resumidas as principais leis do Universo e, se elas forem seguidas à risca, se transformarão em poderosas habilidades da inteligência espiritual. É o jeito mais prático de nos manter em sintonia com as leis do universo, senão vejamos:

1. *Bem-aventurados os pobres de Espírito porque deles é o Reino dos Céus* (Mateus-

5.3)

Pobreza de Espírito quer dizer humildade e Reino dos Céus quer dizer felicidade, a resolução de problemas do nosso mundo interno, que é a integração perfeita ao Universo.

2. *Bem-aventurados os que choram porque serão consolados.* (Mateus-5.5)

O choro e a dor devem ser vistos como experiências positivas, remédios amargos, porém eficientes; a vacina contra o veneno é extraída do próprio veneno; é o produto das nossas más ações do passado; quem chora com paciência e resignação é bem-aventurado porque compreende essa realidade; quem se revolta está reprovado na “prova” e tem que recomeçar a lição.

3. *Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a Terra.* (Mateus-5.4)

A mansuetude não é a covardia, mas a superioridade sobre a violência; a violência é sinal de pouca inteligência, de brutalidade. Os radicais e egoístas pertencem ao mundo do passado, da inteligência inferior e instintiva, de uivos ranger de dentes; os mansos e caridosos pertencem ao mundo do futuro, da inteligência superior e intuitiva. É a Terra salva e renovada espiritualmente.

4. *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos* (Mateus-5.6)

Os que esperam a justiça dos homens se decepcionam e se revoltam; os que conhecem a justiça divina sabem que nada ficará impune; é uma questão de tempo, não o tempo material, mas o espiritual; as aparências enganam e Deus escreve certo por linhas tortas.

5. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.* (Mateus-5.7)

O perdão é fundamental para anular uma situação de desequilíbrio; não há limite para o perdão: perdoar setenta vezes sete significa perdoar quantas vezes for necessário. Quando Jesus nos recomenda oferecer a outra face, não está recomendando a covardia, mas fazendo uma crítica profunda à nossa incapacidade de perdoar.

6. *Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus.* (Mateus-5.8)

A pureza de coração é sinônimo de elevação; a malícia é degeneração; as crianças são puras de coração; mesmo os selvagens não possuem a malícia dos civilizados; os preconceitos nos afastam dos bons pensamentos e da pureza de coração. Deus está escondido nas coisas que geralmente não queremos enxergar.

7. *Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus.* Mateus-5.9)

Os Brandos e pacíficos são aqueles que não aceitam nem compactam de forma alguma com a violência; são filhos de Deus por que já foram oprimidos, conhecem

suas leis e sabem das conseqüências negativas da lei do mais forte.

8. *Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus.* (Mateus-5.10) e ainda:

9. *Bem - aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós. Folgai exultai porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim também perseguiram os profetas que viveram antes de vós.* (Mateus –5.11.12)

A injustiça é apenas aparente. O destino arma ciladas que, aparentemente, são coincidências. Pela lei de ação e reação, de causa e efeito, os perseguidores de ontem geralmente tornam-se os perseguidos de hoje e sabem que os seus sofrimentos têm uma finalidade útil, para si e para os outros; para isso existem gradualmente as provas, as expiações e as reparações; provas são opcionais, expiações são compulsórias e as reparações são geralmente espontâneas. Os cristãos se multiplicaram por causa das injustiças que sofreram e isso serviu de exemplo de fé e esperança para as multidões que os viam sofrer sem nada poder fazer senão aguardar a Justiça Divina.

6. Conhecimento e Verdade

O conhecimento é a única porta de acesso à verdade. Sem ele é praticamente impossível evoluir e a recusa ao seu acesso é um gesto de rebeldia e indiferença contra as leis do Universo. Quando aceitamos o conhecimento, reconhecemos que precisamos progredir intelectualmente e nos transformar espiritualmente, atitude que significa sempre luz e bem-aventurança. Significa também comprometimento, já que a posse do mesmo nos torna responsáveis pelas implicações dessas informações, seja em no plano individual, seja no coletivo. Quando recusamos o conhecimento, negamos a necessidade de progredir e bloqueamos a nossa maturação espiritual. Sofremos, quase sempre, as conseqüências negativas desse gesto, geralmente um sentimento de culpa e uma sensação de impotência diante das situações delicadas e desafiadoras.

Mas Deus sempre insiste e renova constantemente as possibilidades de acesso à Verdade. Essas oportunidades são praticamente inesgotáveis, mesmo quando estamos mergulhados em provações ou em graves processos expiatórios. Esta a essência das bem-aventuranças, conselhos sábios para todos aqueles que recusaram a luz do conhecimento ou então , mais grave ainda, impediram que seus semelhante não tivessem a cesso à ela.

Assim como são verdadeiras as cores do arco-íris, e inegáveis as sonoridades das notas musicais, sete também são os tipos de conhecimentos manifestados na experiência humana :

- O Conhecimento **MÁGICO** (descoberta instintiva): os seres primitivos, ainda muito influenciados pelo instinto animal, descobrem de maneira mágica e infantil os fenômenos e recursos da Natureza. Era Pré-Histórica

- O Conhecimento **EMPÍRICO**: adquirido pelo esforço da experiência prática. Exemplo: o mecânico quando busca solução para o conserto ou construção de uma máquina; o lavrador quando desenvolve uma variedade de sementes. Era Agrícola.
- O Conhecimento **REVELADO** (transcendente): adquirido através das manifestações para-normais. Exemplo: as revelações religiosas históricas da Bíblia, do budismo, etc. Era Teológica.
- O Conhecimento **LÓGICO-RACIONAL** (relação de causa e efeito): adquirido pela observação repetitiva dos fenômenos. Exemplo: os cientistas quando estudam os fenômenos da Natureza no ambiente ou no laboratório. Era da Razão.
- O Conhecimento **EXPERIMENTAL**: obtido pela observação sistemática e metodológica da pesquisa científica. Tese, antítese e síntese. Era Industrial. Era Positiva.
- O Conhecimento **INTUITIVO**: domínio do Superconsciente e das inteligências voltadas para os problemas subjetivos, interiores e espirituais. Era Psicológica e Espiritual.

A inter-relação desses conhecimentos é que forma o conjunto de **CONCEITOS** que temos sobre as coisas, isto é, a definição mais próxima que temos da Verdade. Quanto mais distante da verdade for o conhecimento, mais ele manifesta-se como **PRÉ-CONCEITO**, isto é, algo não definido, falso e mal formulado.

Na sua formação mental e social o ser humano desenvolve os **VALORES** para o exercício do juízo nas escolhas e decisões. É nesse percurso que desenvolvemos também os preconceitos mais comuns: raça, cor, sexo, origem, classe, profissão, religião, opinião, comportamento, gosto, condição pessoal, etc. Muitos deles são adquiridos de forma inconsciente e por isso manifestam-se também de forma inconsciente, sem o nosso controle. Qualquer situação ou atitude que se choca com os nossos **VALORES** desperta uma reação de defesa em forma de preconceito.

A distinção entre o preconceito e o conceito geralmente é obtida pela postura crítica (capacidade de observância e percepção), distinguindo o que é **ESSENCIAL** do que é **SUPERFICIAL**. Isso só não acontece quando nos sentimos ameaçados ou quando aplicamos uma análise crítica da situação. Mas a postura crítica não ocorre somente no terreno lógico-racional (causa e efeito ou tese, antítese e síntese); ocorre também no plano emocional, pois é nele que estão gravados os preconceitos mais graves, onde nossas rejeições se manifestam de forma mais agressiva, ainda que camufladas. Nesse caso, o caminho mais seguro para evitar ataques inseqüentes é sempre a auto-crítica e o auto-conhecimento. Quando deixamos a nossa emoção avaliar determinadas situações quase sempre fazemos julgamentos (gosto ou não gosto) e conseqüentemente condenamos ou absolvemos de acordo com os nossos valores, que nem sempre são os mais corretos. Querer conhecer e criticar os outros é sempre um risco de julgamento superficial e projeção equivocada dos nossos limites e defeitos. Para não julgar, nem cair em erro, é preferível sempre aceitar. E aceitar não quer dizer concordar nem

aplaudir, mas simplesmente não julgar. Essa foi a experiência que os grandes sábios se esforçaram para ensinar aos seres humanos a idéia de Vida Plena, ou seja, a aquisição de graus mais elevados de consciência e felicidade. Nas parábolas e exemplos desses sábios de todos os tempos encontramos sempre preciosos antídotos contra os preconceitos, quase sempre identificados nos personagens ou nas situações por eles relatadas.

7. A Mente versus o Cérebro

"A lembrança não poderia resultar de um estado cerebral. O estado cerebral prolonga a lembrança; faz com que ela atue sobre o presente pela materialidade que lhe confere; mas a lembrança pura é uma manifestação espiritual. Com a memória estamos efetivamente no domínio do espírito." Henri Bérghson

No século XIX desencadeou-se uma das mais intrigantes guerras ideológicas que a humanidade já havia presenciado. Em plena Era Industrial a Ciência foi estruturando-se em rígidos sistemas racionalistas e passou a questionar todo o tipo de conhecimento que não se adequava aos paradigmas da sociedade capitalista. O principal deles era a religião católica cujos dogmas medievais impediam a expansão da moralidade burguesa e principalmente dos seus interesses econômicos. Era uma espécie de vingança histórica contra os abusos e perseguições aos livre-pensadores que durante séculos vinham sendo esmagados pelo terrorismo inquisitorial. Charles Darwin, Herbert Spencer, Karl Marx e Frederich Nietzsche foram, entre tantos outros, os principais demolidores da fé dogmática e da propagação das teorias materialistas. Essa guerra de idéias foi polarizada em diversos campos, mas em alguns deles as batalhas certamente foram mais ardentes e encarniçadas: a biologia versus a física; o cérebro versus a mente; o determinismo versus o livre-arbítrio e, finalmente, o materialismo contra o espiritualismo. O conflito prosseguiu e o chamado pensamento científico veio levando todas as vantagens sobre o adversário religioso, pois tudo parecia convergir para ao encontro dos seus interesses e adentrou o século XX com uma força avassaladora. Para se ter uma pálida idéia dessa combinação entre a ciência e o capital, os conflitos militares, que raramente ultrapassavam os limites das ambições fronteiriças das nações, romperam de forma espetacular essa barreira geográfica. Essa união conseguiu transformar as guerras locais e regionais em guerras mundiais. Não foi por outro motivo que elas se ampliaram: o capital tornou-se um interesse mundial e a guerra acompanhou a mesma tendência de globalização. Ante o festival de posturas radicais de cééticos e crentes, surge nessa transição entre dois séculos uma inteligência fora dos padrões comuns na época e que causaria um certo desconforto entre os dois extremos do conflito. Em meio ao longo percurso dessa confusão entre o ser e o não ser, o filósofo francês Henri Bérghson (1859-1940) observa calmamente essas discussões estéreis e dispara uma *"Segunda pergunta: a matéria, para que serve a consciência?"*.

A pergunta era também uma resposta às posturas dogmáticas dos religiosos, em sua maioria coniventes com a escravização de consciências, e também aos cientistas, que agora assumiam de forma arrogante a posição de novos sacerdotes e donos da verdade. A questão que permanecia no ar era a seguinte: Afinal, o que é a mente? É uma realidade ou uma ilusão? Ilusão de ótica ou ilusão mágica provocada pela inteligência humana?

É que na perspectiva teórica materialista a mente é alguma coisa muito concreta, espacial, lógica, objetiva, física, absoluta. Já na perspectiva espiritualista ela é vista como alguma coisa mais abstrata, temporal, psicológica, subjetiva, metafísica e, portanto, relativa. Apesar do confronto de opiniões, as duas facções filosóficas estavam buscando respostas dentro dos seus modelos de pensamento. Mas Bérqson, livre das limitações do método positivo e dos dogmas religiosos, mesmo porque não estava muito preocupado em provar nada, a não ser para si mesmo, entendia que a questão essencial dessa discussão sobre a vida e a existência estava na compreensão de outras coisas que antecediam essas teorias como, por exemplo, a necessidade de uma filosofia do tempo. Sem essa filosofia seria impossível entender esses fenômenos existenciais. Dizia ele:

“Tempo é duração, portanto transformação”.

Para ele o essencial não era definir a existência e ou não existência, mas compreender que as coisas mudam e porque mudam. Somente os seres que observam o tempo passar podem compreender a si mesmos. Somente aqueles que estabelecem a interligação existencial entre passado, presente e futuro podem estabelecer a relação entre causa e efeito. Mesmo os seres inferiores da Criação se guiam pelos ciclos do tempo natural, pelo clima, pelas estações, pelos ventos, chuvas, secas e tantos outros fenômenos da rotina natural. Já os seres humanos se guiam pelo tempo histórico, cuja referência são os acontecimentos e as experiências adquiridas, os fatos marcantes da existência. Negar o tempo é o que se chama de alienação e certamente da consciência. Bérqson insiste nessa lógica causal:

“Tempo é acúmulo. O futuro é a transformação do passado”.

A consciência passa ser então o grande fator diferencial em todas as discussões existencialistas. Se alguns querem apenas conhecer e explicar os mecanismos da vida e outros, por outro lado, querem fazer desse conhecimento um ato religioso e de adoração, o problema da consciência deverá sempre estar presente, pois funciona como termômetro dos observadores sobre todas as coisas. Ao fazer essas reflexões o pensador francês concluiu que todos nós somos criaturas em constante processo de mutação, que somos suscetíveis a mudanças enriquecedoras e que somos livres para pensar e agir na construção dos nossos destinos:

“Para um ser consciente, existir é mudar, mudar é amadurecer, amadurecer é continuar criando a si mesmo eternamente”.

Desafiando o dogma da superioridade humana sobre os demais reinos da natureza, Bérqson nos leva a admitir que a consciência é um estado de percepção e atuação que antecede aos órgãos físicos que lhe facilitam a manifestação no meio em que vivem. Para cada estado existencial configura-se um grau de consciência proporcional à necessidade daquele respectivo ser:

“Teoricamente, então, tudo o que está vivo pode estar consciente; não é necessário ter cérebro para estar consciente, assim como não é preciso ter estômago para digerir. Uma ameba faz digestão”.

Nessa comparação aparentemente irônica, Bérson descobriu a roda da evolução anímica, uma verdade muito antiga ensinada nas mais conhecidas escolas iniciáticas do Oriente. Outros filósofos contemporâneos e espiritualistas também raciocinavam nessa mesma linha. Para eles todos seres são vivos e o que os diferencia é exatamente o grau de consciência que carregam em seu psiquismo potencialmente evolutivo: no Reino Mineral a consciência dorme, no Reino Vegetal ela sonha, no Reino Animal ela desperta e no Reino Hominal ela rompe o limite da irracionalidade e ganha novas dimensões que nunca cessam até a plenitude na eternidade à frente. Somente os seres humanos superam gradualmente os instintos e o determinismo biológico e passam a fazer as escolhas que caracterizam o livre-arbítrio. Viver é fazer escolhas, tomar decisões, adotar posturas, enfim manter o controle da máquina corporal e do sistema operacional mental. É assim que passamos a ter um grau mais complexo de consciência, que sabemos que existimos, que nos comportamos com exclusividade individual e que fazemos parte de um plano vivencial. E esse plano possui, aos nossos olhos ainda muitos limitados, dois aspectos: o da Vida e o das Existências. Pela própria lógica do tempo que observamos, seja absoluto ou relativo, concluímos que a nossa Vida é única, mas as nossas existências são diversas. Mesmo assim, continua funcionando em dois aspectos: o individual, que é intrapessoal; e o coletivo, que são as nossas relações interpessoais, pela lei de sociedade. A combinação desses dois sentidos vivenciais resulta na formação da nossa personalidade, processo de uma longa jornada de construção no tempo e no espaço. Abrangendo a vida pessoal e coletiva, a consciência desperta e se desenvolve na medida que amadurecemos pela idade biológica ou pelas incontáveis experiências que realizamos nas suas inúmeras existências.

Consciência, portanto, é saber quem somos, que temos uma memória e participamos de um grupo social, num determinado tempo da História. Cada um de nós tem um passado e também fazemos parte da História de todos e de tudo que acontece ao nosso redor. Quem não possui essa consciência torna-se alienado, isto é, inconsciente, desligado da realidade que o cerca, fora do contexto histórico em que vive. Ao persistir nessa alienação o ser quase sempre permanece dominado e dependente dos outros; não usa o livre-arbítrio porque não faz escolhas conscientes; anula assim a sua individualidade e permitem que outras consciências façam as escolhas que ela deveria fazer.

Mas o despertar da consciência em graus mais complexos só ocorre quando começamos a conversar conosco mesmos, fazendo perguntas e tentando digerir respostas. Esse despertar é sempre caracterizado pela constante insatisfação do ser, consigo mesmo e com as coisas que acontecem ao seu redor. Para evitar um desequilíbrio sempre tomamos algumas providências defensivas, para suportamos as constantes crises que nos assaltam a alma. Dependendo da circunstância, a humildade, a aceitação, a resignação, são defesas muito úteis; noutras situações optamos pela agressividade em suas diversas manifestações. E assim vamos tocando o barco, sempre rio acima. Mesmo quando paramos em algum porto, que é o tempo presente, ou quando ficamos à deriva, muitas vezes arrastados pelas correntezas do tempo passado, não perdemos a noção de que estamos nos dirigindo rio acima, que é o tempo futuro. Para cada ser esse percurso tem um significado muito pessoal e uma dinâmica diferenciada. Cada um tem o seu tempo

e o seu ritmo, mas todos têm o mesmo destino.

Essa é chave da consciência mais ampla e da busca de auto-realização em que todos nós persistimos; é a equação existencial que tenta solucionar a ligação entre essas três referências de tempo que ocupam as nossas mentes: o que fui, o que sou e o que vou ser. Tal solução só será encontrada quando estivermos preparados para conhecer a verdade integral das coisas e não em partes como o fazemos atualmente. São dúvidas que carregaremos futuro acima e sabe lá quando estaremos maduros e satisfeitos com essas respostas. Mas a importância não está nas respostas em si, pois se as obtivéssemos agora provavelmente não as compreenderíamos integralmente, com o devido valor que elas exigem; o que importa nesse momento são as experiências e reflexões delas decorrentes, com todas as dificuldades e implicações que elas representam em nossas vidas. Isso é o que podemos chamar de estado de coisas, de consciência.

8. A História e o Destino

“Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditais obre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagineis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim?” – Michel de Montaigne

Hércules era filho de Zeus e Alemena, a rainha de Tirinto. A deusa Hera, esposa de Zeus tentou frustrar o seu nascimento, mas somente conseguiu impedir que Hércules se convertesse em rei de Tirinto retardando sua vinda ao mundo até que nasceu outro menino que herdou o trono. Hercules nasceu, mas na condição de um escravo. Precocemente se manifestou a natureza semi-divina de Hércules. Hera enviou duas serpentes ao seu berço, mas o bebê as estrangulou. Desde muito cedo aprendeu as artes marciais. Ninguém podia se opor à lança nem à flecha de Hércules, que também era um lutador sobressalente. Hera não estava disposta a perder e no momento culminante do triunfo de Hércules lhe provocou um ataque de loucura. No meio da sua aterradora amnésia, o herói matou a esposa e os filhos.

Incapaz de recobrar a tranqüilidade de espírito, depois de cometer esse crime espantoso, Hércules consultou o oráculo de Apolo em Delfos. Este lhe respondeu que fosse a Tirinto e acatasse as ordens do rei Euristeu. O herói obedeceu e o monarca lhe encomendou uma série de tarefas ou trabalhos. Eram tarefas simples e complexas que se articulavam entre si e aos destinos de outras pessoas, numa verdadeira trama existencial.

Cada uma das 12 tarefas foi sendo cumprida por Hércules de acordo com as circunstâncias, conveniências e limites da sua força física e moral. Algumas ele cumpriu corretamente e com relativa facilidade; em outras teve grandes dificuldades e as cumpriu através de artifícios arditos, o que agravava seus débitos diante das novas tarefas. Quando pensava que havia cumprido totalmente um trabalho, decepcionava-se porque via novamente diante de si algo semelhante ao que não havia concluído satisfatoriamente. Então revoltava-se e cometia novos erros. Finalmente Hércules defrontou-se com o 12º trabalho, que era tirar Cerbero dos infernos, o cão de três cabeças. Ao finalizar com êxito esta tarefa, o herói

venceu Hades – rei dos mortos – e se tornou imortal.

Mas Hércules ainda tinha que viver parte da vida e sofreu novos ataques de Hera. Ela seduziu Djanira, a segunda esposa do herói, que o envenenou acreditando que lhe dava um remédio.

Transpondo esse relato mitológico para a esfera da interpretação objetiva podemos ter uma compreensão mais significativa do mito:

Hércules simboliza o Ser Consciente, “filho” de Deus, criado simples e ignorante; a perfeição relativa.

Hera simboliza o destino, o Programa Existencial da individualidade, a sua constante busca do tempo futuro e ao mesmo tempo a raiz dos nossos compromissos como o passado, o karma e o imperativo da lei de Ação e Reação.

O rei Euristeu representa a sua Consciência e o Dever com os compromissos e responsabilidades assumidas na pré-existência.

Os 12 trabalhos representam a História e o jogo das circunstâncias no dia-a-dia e o uso do Livre arbítrio, a síntese da evolução espiritual humana, composta pelas as provas (obstáculos, seduções) e expiações (resgates de dívidas); na matemática esotérica o número 12 é produto da soma e da multiplicação da estrutura setenária ($3+4=7$ e $3 \times 4=12$) significa os ciclos das existências, as probabilidades circunstanciais e tendências comportamentais que vivenciamos, simbolizadas nos doze meses do ano, na multiplicação das dos meses das estações do ano (4×3), nos 12 signos do zodíaco, assim como as doze tribos de Israel, os doze apóstolos do Cristo, etc.

Mas a História é muito mais do que o relato de acontecimentos, coisas, lugares e pessoas que viveram no passado. Na verdade, ela tem muito mais a ver com o futuro e com os fatos que atualmente afetam bem de perto as nossas vidas. Ela é uma sucessão lógica de acontecimentos no tempo e no espaço, encadeados em tramas individuais e coletivas, produto de ações e reações geradas pelas atitudes humanas. No grande tempo de longa duração da História cada um de nós possui um fragmento pessoal de realidade, um tempo individual e um cenário para atuação, delimitados pelo ciclo biológico do corpo e pelas circunstâncias sociais nas quais nos envolvemos. O tempo existencial a ser equacionado varia de pessoa para pessoa, mas, em média, dura entre 70 e 80 anos, o suficiente para a realização de experiências necessárias ao nosso padrão moral e de inteligência.

Existe na Natureza Divina uma relação proporcional entre o Macrocosmos e o microcosmos, como contata-se na relação natural entre a semente e a Árvore . Assim como o Ser humano é o micro e o Criador é o Macro, o corpo físico é o micro e o Universo e o Macro, podemos dizer também que o dia está para a Existência assim como a existência está para a Eternidade. As experiências que realizamos nos segundos e minutos são simulações e treinamentos para unidades maiores e sucessivas do tempo existencial e vivencial. São nos inúmeros minutos que aprendemos e realizamos as coisas importantes do dia. São nos múltiplos dias que entendemos as coisas importantes da existência e assim sucessivamente. São

nas diversas existências que compreendemos as coisas essenciais da vivência ou da Eternidade.

O relógio existencial possui quatro momentos que coincidem perfeitamente com as fases do ciclo biológico do corpo. Ele é a exteriorização da Bússola Eterna da Consciência. Enquanto o primeiro funciona no tempo absoluto, em sentido horário, medido pelos dias, horas, anos, até o limite da morte física, a segunda funciona no sentido inverso da introspecção, medida nos graus do tempo relativo, sem limites. Um marca a extroversão do ser no plano objetivo; a outra marca a sua introspecção no plano subjetivo da mente. Um define o status-quo da encarnação biológica e a outra aponta o rumo da ressurreição psicológica. No tempo de uma existência na carne, o relógio existencial e a bússola consciencial se interpenetram e formam um terceiro marcador, que é o ciclo Dia-e-Noite, de 24 horas divididas também em quatro momentos nos quais ora estamos em atividade biológica, ora em atividade psicológica, seja em vigília, seja durante o sono. O Dia-e-Noite é a síntese e a transição do tempo absoluto do corpo biológico existencial para o tempo relativo da consciência e da eternidade. É no Dia-e-Noite que realizamos as experiências fundamentais para o desenvolvimento mais amplo da mente em seus três campos vivenciais – o Pensamento, a Ação e o Sentimento.

Em cada fase do nosso tempo pessoal diário acontecem pequenos fatos corriqueiros, importantes para a pequena mente existencial, limitada pelo cérebro; mas também os fatos essenciais, muito significativos para a mente maior, da consciência e da Vida. Esses fatos nos estimulam a pensar, agir e sentir as experiências e cada uma dessas operações se desenvolvem na medida que o corpo também amplia a sua manifestação no meio ambiente. Nossas existências se resumem num mecanismo constante de fazer escolhas e tomar decisões, desde as mais simples, como tomar um copo de água, até as mais complexas, que causam grandes desgastes emocionais. Diante dos fatos somos forçados a escolher, a tomar um dos caminhos que se abrem aos nossos olhos, mesmo que seja a opção do recuo ou opção da fuga. Toda escolha gera uma experiência e esta desencadeia em nós um irreversível processo de transformação mental, mesmo quando não aceitamos as conseqüências da escolha que fizemos; podemos até ficar estacionados numa determinada situação, mas já fomos afetados inevitavelmente pela mudança. É isso que se chama “erraticidade”, uma situação de expectativa e ansiedade na qual o Ser já foi atingido pela necessidade de mudança, mas ainda não compreendeu o que se passa com ele e fica adiando ou planejando uma nova experiência.

Tudo indica que existimos num campo universal de atuação onde estamos sujeitos a leis que fogem do nosso controle individual. Leis como a de Ação e Reação e a de Evolução, só para citar as mais conhecidas, estabelecem limites em nossas escolhas; possuímos o livre-arbítrio, mas na maioria dos casos, ele está limitado e restrito a determinadas ações. Isso parece absurdo, mas a lógica desse limite está numa ordem maior que impede que as nossas decisões causem desequilíbrios além dos parâmetros da normalidade. Entendemos, então, que o livre-arbítrio é uma faculdade proporcional ao grau de maturidade do Ser. Na sua fase humana e individualista, em mundos materiais imperfeitos, naturalmente sofre as limitações necessárias a manutenção da ordem geral. Na Terra e le ainda é o veículo do egoísmo e do personalismo, daí os distúrbios mentais que o aprisionam temporariamente como efeito dos abusos. Em mundos mais perfeitos sua

manifestação provavelmente se amplia porque o Ser age sempre no sentido do bem estar da coletividade. Alguns autores chegam mesmo a especular que o livre-arbítrio se torna uma faculdade desnecessária quando o Ser se integra perfeitamente na harmonia universal e passa a cooperar em graus cada vez mais complexos da Criação Divina.

Em nosso caso, as escolhas ainda são muito afetadas pelas provas e expiações. Não podemos avançar em determinadas linhas de opção porque criamos obstáculos de ação que somente podem ser ultrapassados quando dali forem removidos os entulhos gerados pelos nossos gestos de destruição. São naturalmente entulhos mentais, experiências negativas antigas que nos prendem à condição estacionária da erraticidade, onde podemos tanto fazer escolhas, cometer erros, como também repetir experiências para reaprender com os fracassos. Aqui se vê claramente o limite entre o livre-arbítrio e o determinismo. Na erraticidade escolhemos com clareza e convicção, porque estamos conscientes da situação e operamos com a mente maior. Quando encarnados, estaremos operando subjetivamente com a mente reduzida, sem memória objetiva. Seremos “atraídos” e “empurrados” para situações onde as escolhas e decisões sofrem as influências naturais dos acontecimentos. Poderemos recuar e desviar dos nossos caminhos, mas, ainda assim, teremos que suportar a sedução das circunstâncias ou o imperativo das reações “cármicas”.

Dessa forma, estamos ainda mergulhados no plano da Existência, restrito, incompleto, parcial e confuso, por causa multiplicidade de existências e personalidades. Nele estamos construindo parcialmente o nosso Eu, a nossa História, participando com o nosso tempo individual, interagindo com a Família, a Cidade, o País e a Humanidade. Mas, num plano mais amplo, que é a Vida Integral, ainda estamos atrelados a um Destino, que é um caminho ideal. Ainda não possuímos maturidade emocional e inteligência suficientes para fugirmos desse destino e exercer com plenitude o livre-arbítrio. Por isso, diante das crises existenciais, sempre nos colocamos e nos sentimos divididos entre a probabilidade e a fatalidade, entre a relatividade do tempo metafísico e o absolutismo do tempo físico e biológico. Enfim, estamos entre a liberdade e o limite. A primeira somente deixará de ser um ideal quando o segundo deixar de ser real. Quando nos livrarmos desses limites teremos uma sensação real de liberdade, sem angústia, sem ansiedade. O tempo será apenas uma sensação realizadora, sem interferência incômoda do passado e sem o medo do futuro. O passado não será mais nostalgia, o presente não será fantasia nem o futuro será visto como ideologia. Quando tudo isso for superado estaremos passando das múltiplas existências para a Vida única. Isso é o que os Seres Superiores chamam de Felicidade ou Plenitude, uma realidade comum nos mundos mais perfeitos e que na Terra é inconstante e só ocorre em alguns momentos.

Mas a nossa atual felicidade, relativa e parcial, tem uma razão de ser; tem a ver com o nosso estado de espírito, que também flutua na perfeição relativa ou potencial de perfectibilidade. Ainda não possuímos maturidade suficiente para sermos felizes. Essa questão é bem fácil de entender, mas nem sempre é fácil de compreender: se fôssemos transportados a mundo onde a felicidade plena é uma realidade coletiva não suportaríamos tal situação por causa da interferência dos conflitos íntimos que ainda não foram solucionamos e que ainda nos causa a

instabilidade emocional. Pensamos que é fácil viver num mundo feliz quando ainda não nos sentimos felizes. Mas o processo natural é bem diferente e altamente dialético. Para atingirmos a felicidade integral temos que nos adaptar gradualmente através do desmonte dos conflitos e dos efeitos emocionais negativos que eles nos causam. Em resumo, a regra é a seguinte: temos que aprender a ser felizes nas situações de infelicidade. É como aprender a respirar dentro da água; no começo ficamos nos debatendo, aflitos, agonizados, nos contorcendo em forma de desespero. Depois vamos percebendo que não é possível lutar contra a natureza; paramos de tentar respirar bruscamente, ficamos mais calmos, passamos a olhar o que se passa ao nosso redor; não conseguimos respirar, mas já vislumbramos por alguns segundos a paisagem que nos parecia hostil e para a qual nem abríamos os olhos. Com o tempo vamos aumentando os períodos nos quais prendemos a respiração e nos quais exercitamos a calma e a paciência. Essa é, de forma análoga, a chave da passagem das Existências para a Vida, da História para o Destino, da Fatalidade para a Probabilidade, da Encarnação para a Ressurreição, do Reino Animal Biológico para o Reino Humano Psicológico, do Reino de César para o Reino de Deus e, finalmente, da alienação para a Consciência.

Como já dissemos, essa é uma temática que podemos entender facilmente, mesmo porque as filosofias espiritualistas explicam tais questões com muita didática e objetividade. Mas resta o problema da compreensão. Nem tudo que entendemos objetivamente com o intelecto repercute com clareza no mundo íntimo da subjetividade e que é o verdadeiro universo da experiência. Uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática. É um conceito tão antigo que hoje soa aos ouvidos mais exigentes como um “chavão”, um “clichê”, gasto pelo uso retórico, mas que continua tendo seu significado de verdade filosófica. Como diz a música, “Não adianta fingir, nem mentir pra si mesmo...” Podemos até estacionar para discutir milhares de aspectos que as nossas doutrinas oferecem sobre a Vida e o Universo, podemos permanecer por longos períodos tentando solucionar problemas do mundo fenomenal, que já “estão desde sempre solucionados por Deus”, para os quais basta aplicar o raciocínio. Já entendemos o fenômeno da morte biológica, já solucionamos o problema objetivo da imortalidade. Esse enigma de Tomé já foi solucionado por diversos pesquisadores da alma, através da ciência e da tecnologia sensitiva do entendimento das leis naturais. Mas ainda falta compreender o enigma de Nicodemos, que é fenômeno da morte do Espírito. Esse enigma os mestres também decifraram, não para nós, mas para eles mesmos. Deixaram pistas das suas experiências pessoais, mas não puderam ir muito além disso, pois o mundo interior de cada um deles é diferente do nosso, têm o seu próprio caminho a percorrer. O contato teórico com essas verdades básicas são os primeiros passos para entender o problema, mas a compreensão depende do mergulho psicológico no enigma. No aspecto teórico entendemos perfeitamente o problema do ser, do destino e da dor. Mas isso ainda deixa um vácuo, uma sensação de vazio de compreensão emocional.

A verdadeira inteligência não é o raciocínio, mas a capacidade de fazer escolhas. Muitas vezes pessoas pouco inteligentes do ponto de vista racional fazem escolhas certas usando a intuição. Já algumas pessoas tidas como inteligentes freqüentemente desprezam a intuição, usam a razão acreditando estarem seguros em suas decisões para mergulharem em grandes fracassos. Pior ainda, não aceitam as conseqüências de suas decisões e agravam ainda mais os efeitos das suas ações.

A arte da escolha, talvez seja esse o segredo do livre-arbítrio, das suas possibilidades e dos seus limites.

Portanto, a evolução espiritual do ser humano é impulsionada pelo livre-arbítrio, cuja regra universal é “A Semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória”.

Durante a nossa evolução em mundos inferiores a maioria das nossas experiências se realiza no campo do mal e da imperfeição, o que é normal até certo ponto, pois é a fase de defesa e sobrevivência no meio hostil. O Bem e a perfeição aparecem lentamente, quando passamos a ter percepção de nós mesmos, como ser semelhante ao outro. O limite do livre-arbítrio é a nossa capacidade de distinguir o Bem e o mal. Quando ultrapassamos esse limite esbarramos na lei de causa e efeito (ação e reação) e temos que assumir responsabilidades pelos nossos atos.

As responsabilidades e os choques de retorno geralmente nos levam a duas atitudes e caminhos: estagnação, pelo orgulho ferido e a revolta; e o progresso, pela humildade e a resignação.

Segundo as escolas espiritualistas clássicas a predominância do mal em nosso planeta é devido à concentração de seres rebeldes e reincidentes no erro, a maioria em situação de provas e expiações. As ações maléficas de alta destruição acontecem pela afinidade e conúbio psíquico de seres muito inteligentes, porém, sóciopatas, de sentimentos doentes, que não aceitam seus choques de retorno e não se conformam como fracasso de suas provas e revoltados com as expiações que sofrem na Terra. Disso surgiu provavelmente o mito de Satã (anjos caídos). Mesmo assim, no plano coletivo, essas ações são úteis no despertar para o Bem e para a regeneração, através dos resgates de dívidas cármicas.

O ódio e a revolta são as principais marcas do mal, que em mundos como a Terra torna-se ideologia de grupos organizados em atividade criminosas e que fazem da vingança uma lei, pela violência e brutalidade. Para neutralizar essa força maléfica não podemos jamais agir dentro do seu campo de ação e sempre fugir de ações de convivência direta ou indireta com essas atividades, com exemplificaram Jesus em sua época e o Mahatma Gandhi nos tempos modernos. Deve-se sempre agir no oposto, no Amor, que é a Lei universal mais ampla e superior.

Mas quase sempre temos a falsa impressão de que a Lei do Amor é utópica, ainda muito distante nós, por causa dos nossos hábitos e instintos animais. Todos esses conceitos superiores logo caem por terra quando caímos nas contradições do dia-a-dia, típicas das nossas imperfeições. Daí vem a descrença e a desconfiança na nossa capacidade de mudar a realidade interior e o mundo que nos cerca. Por isso é necessário persistir para aprender a humildade, a mansuetude e o perdão, que são os caminhos mais acessíveis para praticarmos o Amor. A humildade é a ciência da confiança no tempo e na Justiça Divina; é saber esperar o momento certo, em atitude de resignação. Não se trata de conformismo, covardia ou burrice, mas da sabedoria em recuar com um passo para traz e depois dar muitos passos para frente. Na vida selvagem encontramos exempl os belíssimos de humildade e sabedoria quando pequenos animais se humilham, simulando estarem mortos, para desarmar os mais fortes que os perseguem. Todos que já passaram por essas experiências na vida humana afirmam que a mansuetude é o gesto humilde e

também inteligente de desarmar a agressividade do outro. É o momento crítico em que, por exemplo, um homem tem que se tornar mulher, pois esta é uma inteligência típica do sexo feminino. Como já foi ensinado por um sábio espiritual: “A obediência é o consentimento da razão, a resignação é o consentimento do coração”. Para as pessoas experientes nesse terreno o perdão é capacidade de esquecer as coisas más que nos atingem, até que possamos entender o que realmente está acontecendo, bem como as razões de quem praticou esse mal. Quem não esquece o mal não consegue perdoar nem progredir. Muitas vezes as pessoas que nos fizeram mal mudam e nós não mudamos, persistindo na idéia ódio e vingança. Não podemos ficar estáticos achando que o tempo congelou para satisfazer os nossos caprichos. Podemos ficar estacionados por algum tempo, em compasso de espera, mas sempre almejando e planejando alguma mudança no futuro.

9. O Ser e o Tempo

“Mas de onde se origina ele? Por onde e para onde passa quando se mede? De onde se origina ele senão do futuro? Por onde caminha senão pelo presente? Para onde se dirige senão para o passado? Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão para ir para aquilo que já não existe” – Santo Agostinho

A Natureza possui como marca essencial os seus ritmos, que dão vida aos fenômenos e significado para eventos. É assim que as coisas acontecem, cada qual a seu modo e com suas características próprias: na pulsação cósmica, nas estações, períodos climáticos, nas marés, nos ventos, nas perturbações telúricas, fisiológicas e sociais, nos ciclos de reprodução, migrações, etc. No aspecto humano, os ritmos tomam significados mais complexos, como os ciclos biológicos e psíquicos. Na maioria desses ritmos encontramos a presença inexorável e enigmática do tempo.

Somente os seres humanos mais evoluídos possuem a faculdade da consciência, isto a percepção de si mesmos e da realidade em que vivem. Isso acontece quando, através das inteligências, superamos os instintos e passamos a agir na solução de problemas fazendo escolhas. Sabemos que existimos e que somos parte de um sistema de vida social de muitas articulações, fazendo com que a nossa percepção e atuação sejam sempre em dois aspectos distintos: o individual, o nosso EU e a nossa personalidade; e o coletivo, que é a nossa identidade social, na família e na sociedade.

A consciência é, portanto, um fenômeno histórico, pois é a soma desse dois aspectos da percepção da realidade, o individual e o coletivo, e se amplia na medida em que o ser amadurece pelas experiências. Ao fazer essa relação de si mesmo com o mundo ao seu redor, o ser percebe o funcionamento das coisas e da sua própria constituição orgânica e psíquica. Isso acontece através da percepção do outro e do tempo ou duração das coisas. Tudo passa por um processo histórico, de causas e efeitos, e tem um tempo a ser equacionado, um início, um meio e um fim. Os animais só percebem o tempo através de coisas concretas, como os fenômenos físicos naturais: clima, o dia e noite, as luas, as estações do ano, etc. Já o ser humano vai além disso e passa a observar o tempo de forma abstrata, matematicamente, vendo inclusive a possibilidade de interferir, não na duração, mas na distribuição da sua utilidade, de acordo com a suas necessidades. Assim

como há a possibilidade de intervir na Natureza, em função da produção de recursos, por exemplo, é possível fazer o mesmo com o tempo, transformando o tempo integral em períodos específicos fragmentados: tempo pessoal e tempo social : trabalho, repouso, lazer, obrigações sociais, voluntariado, etc. Tudo isso é o tempo absoluto, o todo, e também o tempo relativo, em partes, dependendo de quem e como observa; é ainda o tempo histórico, ou seja, a relação que fazemos entre o presente, o passado e o futuro. O inverso de tudo isso é a alienação, que é a condição natural dos animais irracionais, e também a recusa que muitas vezes fazemos em tomar ciência das coisas que estão acontecendo. Quando fazemos essa escolha de ignorar os fatos, estamos provocando voluntariamente a nossa alienação, o que é de certa forma uma violação da consciência. Temos a liberdade de agir dessa forma, mas pagamos um alto preço por essas decisões, pois toda ação tem uma reação correspondente, em todos os planos da vida, incluindo na vida psíquica. Isso significa que tudo é possível, mas tudo tem uma consequência inevitável. É por isso que a alienação deliberada é uma violência, uma espécie de suicídio da consciência, um crime contra a Natureza e a Criação Divina. Essa é a causa dos sofrimentos humanos, quase sempre gerados pelas tentativas vãs de burlarmos a realidade ou fugir de nós mesmos. Não é coincidência ou por “imperfeição da matéria” que vemos ao nosso redor milhares de seres alienados mentalmente, loucos e impedidos de liberdade de ação e raciocínio. Geralmente, nesses casos, os acidentes da Natureza são precedidos de incidentes provocados pela imaturidade humana.

Quase sempre o despertar da consciência é doloroso, sendo raros os casos em que o ser o faz espontaneamente. Isso também nos leva a refletir por que essas primeiras lições ocorrem em mundos imperfeitos e geralmente sob circunstâncias contraditórias. A transição entre o Instinto e a Consciência é que marca essas experiências recheadas de tensões e sofrimentos. Temos necessidades fundamentais[12] e que precisam ser satisfeitas em nossos campos de percepção (psicológicas) e de atuação (biológicas e sociais): alimentação, sono, sexo, contato físico, amor, aceitação, afeição, independência, status, realização, prestígio, reconhecimento social. Tais necessidades geram uma tensão permanente, causada pela busca de alívio e finalmente a realização. Se o alívio não for possível, nos frustramos. Exatamente por termos a liberdade de escolher, e também de abusar da escolha, nas circunstâncias em nos que sentimos ameaçados na satisfação das nossas necessidades, lançamos mão do recurso das fugas e partimos para os ataques em diversos graus de comprometimento, desde os pequenos deslizes até os erros mais graves e de consequências drásticas. A fuga é uma opção e não uma regra, mesmo porque muitas fugas são atitudes que agravam os efeitos dos erros cometidos anteriormente. Em muitas ocasiões as fugas funcionam como alternativas temporárias, até que tenhamos maturidade para enfrentar a situação. Mas elas não podem persistir como situação permanente, pois isso afeta o processo natural de evolução do ser. Uma analogia bem simples para entender isso são os objetos que são introduzidos por acidente ou são implantados num corpo com a intenção de corrigir uma falha orgânica. É uma alternativa possível, mas, por serem estranhos ao conjunto, podem naturalmente ser rejeitados e repelidos. Assim também são as fugas que, numa determinada altura, já não são mais aceitas, pois atingiram o limite imposto pela Evolução. Se houver persistência, o ser é envolvido em situações fora do seu controle, caracterizando até um certo determinismo, forçando-o a atuar de forma consciente diante dos problemas. Isto é

a expiação, o que vulgarmente se chama de “armadilhas do destino”.

Mas o despertar da consciência ocorre somente quando começamos a dialogar com o nosso “Eu”. Esse diálogo é como entrar pela primeira vez, sozinho, numa caverna escura. Para vencer o medo da escuridão temos que adquirir confiança em nós mesmos e procurar um “EU” até então desconhecido que vivia apartado da nossa realidade. Iniciamos o diálogo com perguntas de auto-reconhecimento - Quem sou Eu? De onde vim? Para onde vou? – e que são as chaves que abrem as primeiras portas da consciência, as primeiras que conseguimos visualizar, pois muitas outras ainda permanecerão ocultas e fora da nossa percepção comum. As demais portas somente serão abertas na medida em que formos compreendendo algumas verdades. A Verdade é uma só, integral, mas para os seres humanos ela ainda é parcial, fragmentada em pequenas verdades. Deus é uma Verdade integral da qual temos apenas noções e intuições, uma realidade que ainda não temos capacidade de compreender em sua totalidade. Nossa relação com a Natureza e com o Universo é semelhante: só entendemos na medida que a informações encontram um eco, o momento propício para serem reveladas, como se fosse um parto de compreensão. O momento propício é a nossa maturidade intelectual e emocional. Então, a busca de Verdade é uma forma de desenvolvimento da consciência, que acontece quando entramos num processo de conflito entre o EU exterior e o EU interior. Ora estamos voltados para as coisas do mundo interior, ora para as coisas do exterior, numa luta dialética constante na qual, em alguns momentos, encontramos pontos de equilíbrio. Nesses pontos é que ocorrem as revelações. As revelações não são a causa das mudanças que se operam em nós, mas alavancas que concretizam uma transformação que já havia sido iniciada antes. Esse é o motivo pelo qual, muitas pessoas, mesmo tendo contato direto com os fenômenos, não são afetadas pelas revelações. São frutos ainda verdes e insensíveis. Outros já um pouco mais interessados, mas ainda imaturos, quando sofrem um amadurecimento forçado, se mostram aparentemente transformados e preparados para satisfazer o apetite da Verdade, mas, por dentro, conservam-se sem o sabor essencial. Mas revelação não ocorre somente no campo religioso; ela é, antes de tudo, filosófica e também científica. A revelação mística que transformou o jovem o príncipe Sidarta Gautama num velho Budha é a mesma que transformou o jovem Newton num ícone da Física moderna. Einstein deixou um testemunho escrito de que sua teoria da relatividade e compreensão da mecânica do Universo foi produto de um sonho, sonho que segundo ele foi tão real quanto estar participando de um filme simultaneamente como ator e espectador .